



Capa

EDUARDO ABÍLIO DA SILVA

FRAGMENTOS DE UM LOUCO

LIVRARIA POPULAR DE FRANCISCO FRANCO

RUA DE BARROS QUEIRÓS, 14-18 — TELEF. 864548

LISBOA-2

— 1974

Tip. Narciso Correia — Rua Ferreira Chaves, 3
Telefone 68 26 29 0 — LfSBOÁ-I

FRAGMENTOS DE UM LOUCO

Sempre me considereí apolítico.

Não por ter medo ou por não me importar com a Terra em que vivo, mas porque, pura e simplesmente, sou um espírito virado para a Ciência.

Se tantos traumatismos não me tivessem transformado a vida numa revolta constante, seria talvez um cientista.

Hoje, com a idade e a falta de desenvolvimento de algumas aptidões que possuía, já dificilmente farei alguma coisa de jeito.

Nunca na minha vida votei pois, talvez erradamente, pensei que no regime existente não valia sequer a pena ir às Urnas.

Já tentei sair do País, mas talvez por apatia ou por medo de corar de vergonha quando à minha frente expressassem a opinião que no Mundo tinham de Portugal, deixei-me ficar numa atitude passiva, mas revoltada e sempre numa esperança dum 25 de Abril.

Hoje sinto que teria tido imensa pena de ter perdido aquele dia histórico, embora nada tenha feito para a sua consumação.

Vá Portugal para o caminho que for, só aquele dia fez de mim o escravo mais sincero e voluntário pronto a sacrificar-se por uma Pátria que julgava não

ter a ventura de possuir Homens com ideais tão nobres e corajosos.

3

Portugal é, e ainda que fique só reduzido ao Continente, será sempre uma Grande Nação.

Quase posso jurar que o dia 25 de Abril de 1974 teve também o condão de curar milhares ou talvez milhões de Portugueses que andavam a tratar-se de doenças nervosas em Consultórios de Neurologia e Psiquiatria.

Contentem-se agora estes Consultórios com aqueles que ficaram doidos, doidos de alegria. E não devem ser poucos! A alegria muitas vezes até mata.

Não devemos ter só em atenção os presos de Caxias. Devemos também considerar aquelas mentes fracas que não resistiram e encheram os manicómios e casas de saúde e talvez não tenham a assistência de que precisam.

Lutemos para que nunca mais interesses individuais vis e mesquinhos se sobreponham aos interesses da Nação ou sequer de qualquer Colectividade dentro da Nação.

Façamos por não estragar com ódios, invejas e vinganças pessoais tudo o que conseguimos realizar num dia.

... Tenhamos sempre em atenção que a maior parte das pessoas coagidas por situações existentes são muitas vezes levadas a fazer coisas de que se envergonhariam numa situação normal.

Evitemos entregar-nos a extremismos.

Temos na mão a possibilidade de fazer com que todos os outros Povos do Mundo venham a sentir um dia pena de não serem Portugueses. Sejamos ordeiros e compreensivos.

Depois da euforia da Vitória tentemos realizar os ideais que a nortearam.

O Mundo tem os olhos postos em nós. Mostremos-lhe o que somos capazes de fazer.

4

Tenhamos brio, aquele Brio Português que muitas vezes apregoámos.

Um País virado para o Futuro não pode alhear--se da Ciência e da Técnica.

Vou tentar dar o meu contributo com ideias simples que sempre me fervilharam na cabeça e que, mesmo erradas, poderão abrir horizontes para uma nova forma de pensar.

Quase tudo o que a seguir exponho (mesmo tudo, pois as correcções que fiz limitaram-se a uma compilação de parágrafos e a uma ou outra melhoria de redacção) já tinha sido escrito antes do dia 25 de Abril de 1974.

Nem nesta altura teria cabeça para redigir grande coisa.

Ainda ando meio assarapantado!

Nem tenho tempo para seguir a catadupa de notícias a que não estava habituado.

Peço desculpa por não corrigir um texto que já não estará, em alguns pontos, de acordo com a

situação actual, ou se a demora na edição o de-sactualizar. Mas não o faço para melhor poderem analisar o meu estado de espírito na altura e, principalmente, o meu estado de revolta por nem sequer ligarem ao meu anseio de comunicação. Também posso em escritos posteriores entrar em contradição com algum ponto já focado, mas será por dar conta de erro em que não devo perseverar ou por fraqueza humana em redigir atabalhoadamente o que deveria ser com cuidado. E farei também sempre por mostrar o fluxo do meu pensamento que pode estar errado (e por muitos anos que viva talvez não consiga exprimir sequer uma pequena parte do muito que gostaria de dizer).

Pelo menos, um dos pontos do meu escrito de 1971 está certo.

5

Foi provado este ano ou no ano passado, salvo erro, que a Terra deixa um rasto na sua trajectória no Espaço proveniente da sua atmosfera, ou antes, estratosfera. Li a notícia no «Diário de Notícias» ou no «Século» e esqueci-me de a recortar.

Posso dizer que há mais de dez anos comecei a escrever aqueles apontamentos mas não o posso provar pois só os publiquei em 1971.

—

28 de Abril de 1974

6

Geralmente quando se edita um livro tem-se sempre a esperança de reaver pelo menos o dinheiro gasto na edição.

Não editei este ou um parecido com este há mais tempo por não ter dinheiro e não ter conseguido arranjar editor propenso a gastar tempo e dinheiro com parvoíces.

E parece-me que vou ficar de tanga, pois a parte primeira datada de Agosto de 1971, (embora precisada de remendos, publico-a agora tal qual, sem alteração) que publiquei em estilo sebenta e distribui por várias pessoas amigas, não teve grande aceitação.

No entanto tenho agora alguma esperança, pois essa primeira parte, se bem que já tivesse começado a sua escrita há mais de dez anos, foi terminada num período muito conturbado da minha vida em que estive a dois passos da loucura.

Também espero que numa miscelânea de fragmentos haja algum para recompensar o leitor do gasto e tempo perdidos em aturar os escritos descuidados, pouco desenvolvidos e muito pouco estudados de assuntos merecedores de uma melhor cabeça que não a minha.

Mesmo assim, apesar de todas as minhas desculpas, haverá muitos que, talvez com razão, me apelidem de pretensioso e idiota.

Para esses o mais que posso fazer é indemnizá-los do dinheiro gasto, já que do tempo não é, nem nunca será, possível.

7

Escrevo, falo, barafusto.

Ninguém me liga nenhuma.

E como gostaria eu de que alguém válido tentasse analisar as minhas ideias.

Duas hipóteses se podem pôr:

A incompreensão, que se repete através dos séculos, dos génios tardiamente compreendidos e quantos nem sequer reconhecidos, ou a justa percepção do idiota que tem pretensões ridículas e que não merece mais que o simples desprezo da gente elucidada.

Só a audácia da exposição destas hipóteses que ultrapassam as peias impostas a qualquer escritor de bom senso me levam a situar-me irrefutavelmente na segunda das hipóteses. De qualquer forma não é crime nem ofensa expor a insensatez dum louco.

É um desejo veemente de querer explicar tudo, sem saber nada. Mas, de qualquer forma, uma concepção de ideias que, ainda que não estejam certas, têm uma probabilidade de estar perto da Verdade.

Fragmentos dispersos, até talvez sem nexos, que deveriam ser mais bem estudados, mas que me poderão trazer grande satisfação no caso de a antítese dum assunto neles tratados estar certa. Sinal de que havia dois caminhos que vislumbrei, tendo enveredado pelo errado.

Não sei bem como me advieram certas ideias. Foi um conjunto de ler, ver e pensar. Pensar não é difícil. Basta estar acordado. O que se torna difícil, por vezes, é orientar, controlar e parar o pensamento (adormecer). Muitas vezes passei algumas noites cheio de sono e sem poder dormir, pois os meus pensamentos eram mais fortes do que o meu ser. Isto é um dos princípios da loucura. E eu não tenho medo da morte, roas tenho medo de enlouquecer. O espírito humano lúcido é uma coisa maravilhosa. Os seres vivos são formados por duas máquinas que vivem em simbiose. Uma trabalha continuamente, umas vezes na sua totalidade e outras num semitrabalho. Chamam-lhe subconsciente. Não temos acesso a esta máquina (talvez para nossa felicidade). O subconsciente tem a seu cargo, quando em semitrabalho, controlar as funções vitais, e quando em trabalho pleno reparar a outra máquina (além de controlar também ao mesmo tempo as funções vitais). A outra máquina chamam consciente. Tem a seu cargo todas as acções inerentes à vontade e ao pensamento e funções de relação com o exterior. Cansa-se muito facilmente e então passa os comandos ao subconsciente, o qual a reparará. Entra-se desta forma no sono. Nunca se deveria interromper o

sono a ninguém, mas as necessidades da vida activa da Humanidade são contrárias a isso. De qualquer maneira um ser vivo pode viver sem comer e sem beber, mais ou menos tempo. Não pode viver sem dormir. Reparem que até as plantas dormem.

Nestes meus apontamentos analisei, por vezes, várias hipóteses dum mesmo assunto. Outras vezes

11

limitei-me a escrever o que pensava considerando isso a minha verdade. Podem até apelidar-me de plagiador, mas as nossas ideias não são mais do que um conjunto de outras ideias que já lemos ou ouvimos de alguém. Muitas vezes não escrevo muito coerentemente, mas também não estou para alterar o que escrevo, pois foi a corrente do meu pensamento e essa corrente é muito difícil de traduzir em palavras. É até muito difícil transmitir ideias. O pensamento tem uma velocidade muito aproximada da luz. As nossas palavras têm uma velocidade muito aproximada da do som. Estão a ver a dificuldade?!

Dou inteira liberdade a quem quiser, de alterar o que eu escrevi, pois muitas coisas podem (e devem até) estar erradas. O mal do Homem é querer explicar por uma só lei o Universo todo que é tão complexo. Muitas vezes duas leis antagónicas podem estar certas (parece difícil!). Estão é mal ajustadas ao princípio a que se aplicam.

Se alguém não achar desperdiçado o tempo que perdeu comigo dar-me-ei por muito feliz.

Agosto de 1971

12

UM ESBOÇO DO UNIVERSO

INFINITO, o que não tem fim.

Muita gente não tem a verdadeira noção do que é o infinito. Vejamos se o consigo explicar. Já que estamos na era dos foguetões espaciais imaginemos um que tenha a propriedade de atravessar todos os corpos. Imaginemos também que é dotado de uma força de propulsão que lhe permite deslocar-se a uma velocidade fantástica, à velocidade da luz, por exemplo, e que essa força de propulsão é eterna, isto é, nunca mais acaba. Esse foguetão lançado a partir dum ponto qualquer sempre em linha recta, isto é, sempre em frente desse ponto, quando é que pára? Nunca, nunca mais. Faz uma viagem infinita (no tempo) através do infinito (no espaço). Ainda que puséssemos a hipótese de ter de parar em qualquer ponto, essa hipótese seria absurda. De facto, se esse foguetão tem a propriedade de poder atravessar tudo (o fogo, a matéria não-fogo, o vácuo, etc.) nunca poderá desviar-se da sua trajectória nem parar em qualquer ponto, pois para lá desse ponto existe, com certeza, qualquer coisa. Se idealizarmos outro foguetão idêntico a partir do mesmo ponto do primeiro, mas em sentido contrário, teremos a definição de uma linha recta dada pelo percurso destes dois foguetões. Uma linha recta é, portanto, uma linha infinita nos dois sentidos. E aqui temos várias noções de infinito. Os foguetões são infinitos. A força de propulsão é infinita. O percurso

dos foguetões são infinitos. A força de propulsão é infinita. O per-

13

curso dos foguetões é infinito e através do espaço infinito. A linha recta é infinita. Alguns consideram a linha recta como se existisse só na teoria, no nosso pensamento, mas se analisarmos bem encontraremos a possibilidade de a transpormos para o espaço pois, ainda que isso pese a muitos, o espaço é infinito. Considero absurda a suposição de que uma linha recta no espaço não existe senão teoricamente. De facto se quiséssemos traçar essa recta, seria muito difícil ou até talvez impossível, pois mesmo que pudéssemos dispor do tempo todo e do espaço todo, bastaria a menor imperfeição para que essa linha deixasse de ser recta. Mas de qualquer maneira isso não demonstra a impossibilidade da sua existência, ou pelo menos não é impossível a existência de dois pontos que se afastem um do outro indefinidamente e que aumentem eternamente a sua distância por maior que esta seja. Podemos comparar a existência duma recta com a existência duma esfera perfeita. De facto, por muito perfeita que seja, uma esfera nunca atinge a perfeição suprema, mas isso não nos autoriza a afirmar que não existe essa esfera perfeitíssima e, muito menos, que não pode existir. Basta no nosso pensamento, nos nossos raciocínios, acharmos lógica numa possibilidade de existência de qualquer coisa e essa lógica não conduzir a um absurdo, para que essa coisa possa existir realmente. O TEMPO. Podemos esquematizar o tempo com uma linha recta. Sabemos que uma linha recta é uma linha assente num plano que não tem princípio nem fim. É, portanto, infinita nos dois sentidos. O tempo poderá ser representado por uma recta onde marcámos um ponto. Este ponto marca o tempo presente. Divide a recta em duas semi-rectas: num sentido fica o tempo passado, no outro sentido fica o tempo futuro. Esse ponto, ou seja o tempo pre-

14

sente, desloca-se com um movimento uniforme na recta do tempo e jamais parará, seguindo sempre o mesmo sentido. Nunca poderá, portanto, deslocar-se em sentido contrário, pois isso implicaria a sua paragem. Conclusão: O tempo é infinito no passado e no futuro. Se considerarmos o tempo como uma consequência do movimento molecular da matéria, a deslocação do tempo será igual à média dos movimentos moleculares de toda a matéria existente no Universo.

Há muitas teorias relacionadas com a palavra tempo. Algumas considero absurdas. Por exemplo: Em certos livros de ficção científica aventa-se a hipótese de uma máquina que viaja no tempo. Se isso fosse possível viria alterar a própria estrutura dum ser. (Ser ou não ser, eis a questão). Qualquer um poderia retroceder no tempo e modificar a partir de certo momento a sua vida já passada. Mas se em vez de retroceder, avançasse no tempo, também modificaria, com certeza, a seu bel-prazer a sua vida no futuro. Estão a ver a incongruência que não seria uma pessoa alterar os fenómenos que lhe deram a existência. Uma coisa que é alterar-se para uma coisa que nunca poderia

vir a ser. E se nunca poderia vir a ser, nunca poderia ter tido existência para alterar-se a si próprio. Isto é absurdo. Vejamos agora em que consiste a impossibilidade desta teoria (se lhe quisermos chamar assim). A noção que temos do tempo é-nos dada pura e simplesmente pelo movimento da matéria com todas as suas conseqüentes modificações. Podemos até dizer que o tempo não existe só por si, mas sim como uma conseqüência do movimento. Agora vejamos: Tome o movimento a forma que tomar é com certeza sempre de um modo positivo. Quando dizemos: Se fizéssemos andar tudo ao contrário poderíamos retroceder no tempo. Este

15

andar ao contrário não é uma forma negativa de movimento. Para nossa comodidade é que o consideramos como tal. E o mesmo que acontece com um comboio que pára e anda para trás. Se considerarmos o andar para a frente positivo, diremos o andar para trás negativo. Mas esta forma de considerar é muito relativa. Consideramos os dois sentidos existentes numa direcção. Mas o sentido contrário não quer dizer verdadeiramente o sentido negativo. O movimento é nos dois casos positivo. Mesmo no caso das inversões dos «spins» ou no caso da aceleração dos neutrinos não se dá uma deslocação no tempo. Dá-se uma deslocação na matéria. De facto a aceleração dos neutrinos, por exemplo, pode dar-se a uma velocidade superior à da luz, dando-nos por esta forma uma ilusão de deslocação no tempo, comparável à de um raio e o respectivo trovão, na leitura das informações concomitantes. Para encontrarmos o movimento negativo da matéria teríamos de parar o movimento molecular, o que só se conseguiria atingindo o zero absoluto. De facto se um comboio vai a andar para a frente e quisermos que ande para trás, teremos de o parar, ou antes, teremos de parar o movimento para a frente para podermos dar-lhe um movimento para trás. Ora na matéria só depois de atingido o zero absoluto poderíamos, com uma temperatura ainda mais baixa, encontrar esse movimento negativo, o que sabemos ser impossível. Teríamos para isso de ultrapassar a barreira do frio, o que é impossível.

O ESPAÇO. Podemos considerar o espaço como uma esfera, à semelhança de uma bola de sabão, que possa crescer indefinida e perpetuamente. O espaço, portanto, considerado a partir de um ponto e em qualquer sentido é infinito. Se puséssemos a hipótese de um limite, poderíamos perguntar: E

16

para além desse limite o que é que há? Há mais isto e mais aquilo. Mas este mais isto e mais aquilo ocupa com certeza espaço. Portanto para além desse limite há com certeza mais espaço e assim sucessivamente. É absurdo dizermos que não há mais nada com a intenção de limitarmos o espaço, pois esse mais nada ocupa espaço com toda a certeza.

A MATÉRIA. Qual a matéria existente no espaço? Se o espaço é infinito, a matéria não poderá ser mensurável. No entanto poderá ser definida. Consideremos o nada absoluto. Ainda não foi possível obtê-lo em laboratório, mas isso não prova a sua

inexistência. Podemos muito bem idealizá-lo e esta ideia não será de qualquer forma ilógica. Se o espaço é infinito, é muito possível que num ponto qualquer desse espaço ele exista. Eu tenho para mim que o nada existe até muito mais perto do que nós supomos. E senão vejamos. Segundo ideia minha mas facilmente comprovável a matéria é indestrutível. (Esta ideia verdadeiramente não é minha, é de Lavoisier). De facto idealizemos a menor porção de matéria e, por hipótese, dividamo-la ao meio (ou num número qualquer de partes). Essa metade também pode ser dividida ao meio. E estoutra também. E assim sucessiva e indefinidamente. (Note-se: Não c por isto que a matéria é indestrutível). Também podemos raciocinar doutra maneira. Da divisão da matéria obtivemos, por assim dizer, dois bocados de matéria. Entre estes dois bocados, que ocupam espaço evidentemente, existe qualquer coisa. Suponhamos que existe outra matéria qualquer. Mas então entre essa matéria e um dos bocados também existe qualquer outra matéria. E assim sucessivamente. Mas, com certeza, deve-se admitir a hipótese de dois bocados de matéria contíguos, isto é, sem haver outra matéria entre ambos. Ora, a não ser que

17

a matéria se ligue uma a outra numa forma intrínseca (o que não é muito provável), o que é que existe entre esses dois bocados de matéria contíguos? O nada absoluto evidentemente. Este nada com certeza é muito diminuto, mas não deixa de ser o nada absoluto. (Note-se que quando falo de matéria é numa forma muito ambígua. Tanto me posso referir a uma gota de água como a uma molécula de vinho ou a um ião ou próton ou qualquer outra coisa. O que quero significar é a matéria em si, isto é, a diferenciação entre a matéria e o nada absoluto).

Consideremos agora a matéria. A matéria é qualquer coisa que existe e ocupa espaço. Até agora ainda não foi possível reduzir qualquer matéria a nada e duvido que isso seja viável. Mesmo na desintegração da matéria não se opera outra coisa que não seja a transformação dessa matéria nas partes componentes da mesma, com libertação de energia (que é um estado da matéria). Uma lei bem verdadeira e que ainda não foi contestada (e jamais será, segundo creio) é: A massa de um composto é igual à soma das massas dos componentes. (Lei da conservação da massa). Aliás, está bem demonstrado que mesmo as menores porções de matéria, os iões, prótons e neutrões, são indestrutíveis. E ainda que fossem destruídos ficaria qualquer coisa, os componentes, cuja soma das massas é natural que fosse igual à massa do composto. Ora, atendendo a tudo isto, mais absurdo seria pensar na transformação do nada (nada absoluto) em qualquer coisa. Isso quanto a mim não tem pés nem cabeça. Vá lá, a transformação de qualquer coisa em nada poderia ainda idealizar-se e seria uma ideia com certa lógica (que eu acho impossível quanto à sua realização). Mas o contrário é que não tem senso nenhum. Ora pela falta de senso neste contrário cai-se na demonstração verdadeira

18

do original. De facto se fosse possível transformar

qualquer coisa em nada também seria possível, talvez, transformar o nada em alguma coisa. E então este nada já não era o nada e sim alguma coisa. Portanto a matéria sempre existiu e sempre existirá no tempo e no espaço e, digamos assim, na quantidade de matéria existente, isto independentemente, é claro, da forma que tenha ou possa vir a ter.

DISTRIBUIÇÃO DA MATÉRIA. A matéria, quanto a mini, distribui-se em dois grandes grupos, embora com permutações entre ambos: O FOGO e o NÃO-FOGO. É talvez esquisito como me adveio esta divisão ou este conceito e é natural que esteja errado nas minhas concepções. No entanto tentei sempre seguir um raciocínio lógico e, apesar das minhas falhas, pois errar é próprio dos homens, e dos meus fracos conhecimentos em assunto tão transcendente, é também muito natural que descubram nestes apontamentos muitas ideias (já conhecidas ou desconhecidas) que ficam à disposição dos que, sabendo muito mais que eu, queiram dispensar-lhes um pouco de tempo para as corrigirem e verificarem e, por assim dizer, transporem para termos mais científicos. Mas voltando à minha definição vamos ver porque pensei assim. Toda a matéria existente no espaço obedece a leis de harmonia, mais ou menos estudadas e aceites como verdadeiras e imutáveis. (Note-se que para mim não as considero obrigatoriamente imutáveis. Na lei da relatividade, se as condições existentes fossem outras, essas leis de harmonia também teriam com certeza de ser outras, embora imutáveis em relação a essoutras condições. Portanto só são de facto imutáveis em relação às condições existentes no Universo). Uma destas leis é a lei da atracção universal; Matéria atrai matéria na razão directa das massas e inversa do quadrado

19

da distância. Toda a matéria tende a juntar-se em grupos mais ou menos compactos e que, segundo os seus movimentos próprios, tomam uma forma mais ou menos esférica. Essas grandes massas tenderiam a unirem-se se não fossem contrariadas pêlos seus movimentos próprios (em volta do seu eixo ou de outras massas). É natural que os movimentos próprios dessas grandes massas criem outras forças (por exemplo, a força centrífuga), algumas ainda por estudar, que contrabalancem a lei da atracção universal, impedindo assim a sua junção ou, em muitos casos, a sua disjunção. Estes movimentos e leis são verdadeiros para toda a matéria: o fogo e o não-fogo. (Sabemos, por exemplo, que um átomo é formado por um núcleo e neutrões que giram constantemente à sua volta e tem, portanto, os seus movimentos próprios regidos por determinadas leis). O fogo não é mais que uma reacção química ou física actuando sobre uma matéria. (Ou antes talvez uma aceleração da agitação molecular que provoca, quando ultrapassa uma certa velocidade, uma força — força centrífuga, talvez — superior à força da atracção universal). É indispensável um combustível e um comburente. Esta reacção liberta uma determinada energia que é projectada para fora da combustão. Portanto o fogo é uma matéria em combustão com projecção de energia e que cria uma força contrária à lei da atracção universal.

O não-fogo será uma matéria sem combustão, por assim dizer, uma matéria em repouso, o que não evita que tenha os movimentos inerentes a toda a matéria. Simplesmente esses movimentos não estão ainda

suficientemente acelerados para passar a matéria não-fogo a fogo. Portanto o não-fogo será toda a outra matéria que não é fogo. Talvez não tenha conseguido exprimir-me bem ao tratar deste assunto.

20

O que eu verdadeiramente queria designar por fogo não era o conjunto que o produz, ou seja, o combustível e o comburente, mas sim o fogo em si, isto é, a reacção-fogo que transforma uma matéria não-fogo noutra matéria não-fogo e projecta determinada energia que também considero fogo. Este fogo é de facto matéria. Não confundir a matéria fogo com o plasma ou magma. Este não é mais que um estado da matéria fogo.

Também poderíamos dizer que a matéria fogo não é mais que um estado da matéria. No entanto faço esta distinção porque as leis que regem a matéria fogo não são verdadeiramente iguais às leis que regem a matéria não-fogo. Como adiante pormenorizarei é natural que uma estrela não seja constituída só por fogo, mas sim por matérias não-fogo e fogo. O fogo necessita de um comburente e um combustível. Ora esse comburente e esse combustível são matérias não-fogo que dão origem ao fogo por meio de uma reacção e possivelmente se voltam a transformar em outras matérias não-fogo. A matéria fogo tem uma lei de repulsão sobre toda a matéria — fogo e não-fogo — ainda não determinada (Ideia estritamente pessoal). Analisemos a questão proposta. Primeiro cairíamos numa impossibilidade. De facto se o fogo repele a matéria repeliria também os combustíveis e comburente. No entanto é muito natural que a reacção que o produz — entre o combustível e o comburente — se oponha a essa repulsão, isto é, tenha um poder de atracção superior ao de repulsão. Mas verdadeiramente o que deve acontecer é talvez o seguinte: O que chamo «reacção» provoca a aceleração dos movimentos moleculares. Esta aceleração dá origem a uma força contrária à força de atracção universal. Essa força cresce com o aumento da aceleração e em determinada altura

21

igual a força de atracção universal. Quando a ultrapassa dá origem ao fogo, ao que eu chamo matéria fogo. Esta matéria fogo é dotada, portanto, de uma força contrária e maior que a força de atracção universal que talvez perderá através do tempo e do espaço por falta de continuidade na aceleração dos movimentos moleculares, transformando-se por isso outra vez em matéria não-fogo.

Vejamos agora a lei de repulsão. Por exemplo, uma estrela, o Sol. Sabemos que o Sol emite uma infinidade de raios — os raios solares — em todas as direcções. Esses raios ou quaisquer raios de luz (havendo luz são com certeza raios de fogo, pelo menos na minha acepção de matéria fogo) viajam a uma velocidade fantástica através do espaço e, o que é surpreendente, são reflectidos por qualquer matéria. Pelo menos pela matéria não-fogo, o que não invalida a sua reflexão pela matéria fogo que possivelmente é mais fraca por ser mais permeável e é muito difícil de comprovar. Ora como se explica esta viagem

fantástica e esta reflexão?

Se houver uma lei de repulsão talvez nos dê essa explicação. (Nos cometas, como adiante frisarei, talvez esteja patente esta lei de repulsão). Esta lei em relação ao fogo, evidentemente, será variável de matéria para matéria. De qualquer maneira os raios solares possuem uma velocidade fantástica e consequentemente uma força inerente a essa velocidade e são pequenas partículas de matéria, sem dúvida (pequenos átomos ou partes de átomos, talvez prótons). Com certeza ao chocarem com a Terra, ou antes, com qualquer matéria que não possam atravessar devem oferecer uma certa resistência e logicamente uma força de repulsão (de empurrão, digamos antes). Depois possivelmente serão projec-

22

tados noutra direcção dando origem à reflexão (com perca talvez de alguma da sua potência inicial).

Atendendo a estas circunstâncias talvez não seja de todo ilógico formular as seguintes leis:

1.^a) Lei da atracção universal. A matéria não--fogo atrai matéria não-fogo na razão directa das massas e na razão inversa do quadrado das distâncias, atracção essa variável de matéria para matéria.

2.^a) Lei da repulsão universal. A matéria fogo repele as matérias fogo e não-fogo na razão directa da reacção que a produz e na razão (?...) da distância, repulsão essa variável de matéria para matéria.

A primeira está cientificamente provada com excepção da variação de matéria para matéria. Vejamos se há alguma razão para existir esta variação.

Pela queda dos graves observou-se que o tempo da queda é igual quer para um quilo de chumbo quer para um quilo de algodão. Isto parece contradizer a minha afirmação. No entanto nestas medições do tempo de queda foram, com certeza, desprezados uns milésimos e é muito provável que esteja nesse arredondamento a variação de atracção. De facto essa variação deve ser ínfima e só poderá ser notada em grandes massas de matéria, o que torna muito difícil a sua mensurabilidade.

Vejamos agora como se comporta a matéria com as leis de atracção. No nosso planeta, por exemplo, os líquidos deslocam-se sobre os sólidos. Como resultado temos as marés. Isto de qualquer forma não quer dizer que uma determinada massa de água sofra maior atracção que uma massa igual de terra. No entanto cria situações diferentes e faz possivelmente variar as condições de atracção. Notemos que por efeito de atracção a massa de ar ou seja a atmosfera da Terra deve sofrer também deslocações

23

mais ou menos de acordo com as marés. Como o estado gasoso se desloca sobre o líquido e sobre o sólido, estas deslocações devem ter uma amplitude muito maior que a dos líquidos em relação aos sólidos. Por causa de o estado gasoso envolver a Terra por completo, este fenómeno, se existir, só poderá ser observado em toda a sua magnitude fora do planeta. Se não existisse cair-se-ia na conclusão de que uma determinada massa de ar não sofre atracção. Na

superfície da Terra este fenómeno é de difícil comprovação, pois a temperatura e correntes de ar devem ter influência na medição da camada atmosférica. Mas mesmo que não tivessem, a própria atracção que sofre a massa de ar prejudica com certeza o seu peso em relação ao centro da Terra. Disse atrás que estas deslocações não provavam a variação de atracção de matéria para matéria. No entanto se quisermos analisar a questão por este lado talvez cheguemos a uma conclusão. De facto se a atracção fosse igual para toda a matéria não se dariam estas deslocações, pelo menos da forma como se realizam. Por hipótese, suponhamos que num determinado momento a força principal de atracção está a incidir no centro do mar. Dar-se-ia então uma espécie de sucção, pois a parte líquida seria a mais atraída por estar mais perto da força de atracção e, nesse momento seria natural que desse origem a marés baixas em todas ou quase todas as margens. Ora parece-me que não c assim que se passa. Quando é baixa-mar na parte do Oceano Pacífico que banha a Ásia não é baixa-mar na parte do mesmo Oceano que banha a América. (Parece-me que meti água neste capítulo). No entanto podemos argumentar que outros movimentos da Terra se opõem a essa força de atracção ou que essa força de atracção não é somente aplicada em especial ao centro do

24

mar, mas sim a todo o hemisfério ou a todo o planeta. Note-se que este último caso, a força de atracção aplicada duma maneira geral a todo o planeta, também tem possibilidades de corroborar a minha teoria pois, se não houvesse variação de atracção de matéria para matéria, a atracção do planeta dar-se-ia de uma forma única e perfeita para toda a matéria e, portanto, não poderia haver deslocação dos líquidos em relação aos sólidos e assim as marés não poderiam ser explicadas, pelo menos, pela lei da atracção universal.

O que me leva a crer numa variação de atracção (ainda que muito diminuta) de matéria para matéria é uma melhor análise, por assim dizer, do fenómeno de atracção. É muito provável que a atracção da matéria seja originada por campos magnéticos criados pelas diferentes massas de matéria. Se assim for bastará provar uma variedade, por assim dizer, de campos magnéticos com propriedades diferentes para qualquer variedade de matéria, para estar provada a variação de atracção de matéria para matéria. De facto temos como prova o nosso planeta que não é mais que um enorme imã que voga no espaço. Sabemos também ou poderemos deduzir que qualquer quantidade de matéria ou, por melhor dizer, qualquer corpo dá origem a um campo magnético, ao seu campo magnético. Se fraccionarmos um corpo, cada uma dessas fracções fica por assim dizer formando outro corpo com o seu campo magnético. O mesmo acontece se juntarmos vários corpos. Ficará um corpo único com o seu campo magnético. Ora os campos magnéticos dos diversos corpos que possam existir, quer sejam considerados isolados no espaço, como a Terra, o Sol, etc., quer considerados em fracções constituintes desses outros, como uma pedra, um animal, um protão,

25

etc., são variadíssimos e ainda estão, na maior parte, por estudar.

Esta variação também se observa de matéria em matéria. Sabemos muito bem que tal matéria tem certas propriedades magnéticas e que uma outra matéria tem outras propriedades magnéticas muito diferentes e, como frisei, em algumas matérias ainda por estudar e determinar. Ora num corpo formado por várias matérias, as diversas propriedades magnéticas destas tendem com certeza a harmonizar-se criando um certo campo magnético com propriedades até talvez muito diferentes das que o originaram. Este campo magnético é único, pois, ainda que aventássemos a hipótese da criação de dois ou mais campos magnéticos, estes estariam interligados formando assim um único e inalterável pelo menos enquanto não variasse a forma e estrutura do corpo. Acontece que os campos magnéticos de vários corpos juntos também devem ter tendência para harmonizarem-se criando assim um campo magnético único.

Há, por assim dizer, na Natureza uma tendência para a harmonia, o que aliás é até muito lógico e explicável. De facto, se porventura houvesse ou fosse criada determinada desarmonia implicitamente daria origem a duas forças contrárias, ou por melhor dizer, a duas oposições que deixadas em liberdade tenderiam a anular-se reciprocamente através do tempo e do espaço até se transformarem num todo harmónico. Ora sendo assim, também os campos magnéticos de corpos separados pelo espaço (note-se que existe um único campo magnético para cada corpo) tenderiam a harmonizar-se formando um campo magnético único e exercendo assim uma atracção magnética entre esses corpos através do espaço que os separa.

26

Note-se que esta separação é fictícia, pois entre os corpos celestes que vogam no espaço existe matéria. Simplesmente essa matéria não é, digamos, tão consistente e possivelmente não terá propriedades magnéticas tão potentes como a dos corpos. Porém talvez sirva até de meio de condução da força de atracção magnética entre os corpos celestes. Bem, com estes pontos de vista mais ou menos assentes, vejamos agora outra coisa. Como já disse, a Terra não é mais que um enorme imã que voga no espaço. Por analogia é muito natural que os outros planetas também sejam enormes imãs que vogam no espaço. Até não será querer especular muito dizer que qualquer corpo celeste não é mais que um enorme imã que voga no espaço.

Ora todos os corpos celestes, em virtude talvez dos seus movimentos, tomam uma forma mais ou menos esférica, com excepção do planeta Saturno que, além da esfera, tem uma coroa ou argola em torno, talvez natural ou talvez artificial (o que provaria a existência de seres inteligentes neste planeta). (Isto já é fantasia). Assim vamos estudar o que acontece com estes imãs esféricos. Tomemos como comparação a própria Terra e a Lua. A Terra é uma esfera ou antes uma pêra, mas neste caso abstraímos a forma real para generalizarmos, o que pouca importância terá, pois as condições em ambos os casos manter-se-ão idênticas. Por tanto vejamos o que acontece com a Terra e não

será ilógico pensarmos que também acontecerá com todos os corpos celestes. A Terra é uma esfera-imã que tem um polo norte e um polo sul. Cria portanto um campo magnético esférico ou talvez por melhor dizer cilíndrico com um determinado eixo, eixo este que tem numa extremidade o polo sul e na outra extremidade o polo norte. Corri a Lua deve acontecer exactamente

27

o mesmo. Portanto estamos na presença de dois campos magnéticos esféricos ou cilíndricos mais ou menos idênticos, embora talvez com potências diferentes.

Se abandonássemos dois campos magnéticos esféricos ou cilíndricos (como queiram) no espaço dotando-os dos movimentos mais mirabolantes que a nossa imaginação lhes queira dar (veremos adiante como poderão ser originados estes movimentos), qual seria a tendência desses dois campos magnéticos se estivessem à distância um do outro suficiente para não se atraírem ao ponto de formarem um campo magnético único? Penso que seria a seguinte:

A) Os eixos desses dois campos magnéticos tenderiam a orientarem-se por influência recíproca até ficarem paralelos e com os polos norte e sul dum campo invertidos em relação aos do outro. (Pólos do mesmo sinal repelem-se e polos de sinais contrários atraem-se).

B) Quaisquer movimentos de que cada um estivesse dotado tenderiam a transformarem-se em movimentos de rotação em torno do seu eixo por causa da necessidade do paralelismo entre eixos.

C) Já em movimento de rotação, este movimento deveria manter-se devido à inércia e transformar-se num movimento constante e uniforme por falta de travão ou aceleração (visto estarem abandonados no espaço).

D) Durante o desenrolar destas eventualidades e mesmo por causa disso poderia, ou melhor, deveria dar-se um dos seguintes casos: 1) Se os dois campos magnéticos fossem de potências sensivelmente iguais descreveriam em torno um do outro movimentos variados até estabilizarem uma harmonia e

28

ficarem a descrever uma figura geométrica determinada e constante no tempo e no espaço (em virtude da inércia, abandono no espaço, falta de travão ou aceleração, etc.), figura esta que, logicamente, tenderia a ser curvilínea. (Note-se que esta figura geométrica só seria constante se não houvesse modificação nenhuma na estrutura primitiva dos referidos campos magnéticos). 2) Se fossem de potências acentuadamente diferentes naturalmente o mais potente arrastaria o outro e impor-lhe-ia a descrição de uma figura geométrica à sua volta naturalmente também com tendência a ser curvilínea e, embora condicionado, poderia dispor de uma maior autonomia em relação a essoutro. Estas condições variariam evidentemente com a diferença de potência existente entre os dois campos magnéticos.

Logicamente estas hipóteses apresentadas dar--

se-íam não só entre dois corpos ou dois campos magnéticos (como preferirem) mas também entre três, ou quatro, ou número qualquer deles ainda que seja um número infinito.

Evidentemente nestes últimos casos haveria mais hipóteses a considerar, como por exemplo a variação interligada do conjunto e a provável deslocação do conjunto através do espaço, mas de qualquer modo estourtas hipóteses só poderiam contrariar ligeiramente as primitivas que considero como básicas e inalteráveis, pelo menos, no todo.

Veamos agora a segunda (Lei da repulsão universal). A matéria fogo repele as matérias fogo e não-fogo na razão directa da reacção que a produz e na razão (?...) da distância, repulsão essa variável de matéria para matéria.

Segundo a minha concepção de matéria fogo, esta matéria é por assim dizer a projecção da matéria sob a forma de matéria com energia.

29

De acordo com certos estudos em curso há a hipótese de uma transformação da matéria em energia. Em parte considero-a certa e noutra parte errada. De facto a transformação de matéria em energia pressupõe como que uma desapareção da matéria. Mas sabemos que a matéria não se transforma em nada. Essa energia que fica não é mais que uma forma de matéria e possivelmente ir-se-á ligar com outra matéria. Na desintegração da matéria, a matéria não desaparece, transforma-se.

Podemos até talvez sem exagero considerar a energia e até mesmo o movimento como um estado ou forma da matéria. Ora a produção de energia é por assim dizer uma alteração com aceleração (ou desaceleração) do movimento da matéria. A partir de determinada altura, essa alteração e aceleração do movimento da matéria dá origem à matéria fogo. Uma das características, por vezes, do fogo é o aumento da temperatura da matéria não-fogo. Este aumento de temperatura é originado pela aceleração da velocidade do movimento molecular. Ora a aceleração progressiva da agitação molecular na matéria não-fogo atinge em determinado momento, momento este variável de matéria para matéria, um limite em que se dá a projecção de matéria, sob a forma de matéria fogo, contrária às leis da atracção universal. Facilmente podemos concluir que qualquer matéria não-fogo tem o seu limite de agitação molecular que ultrapassado dá origem à sua transformação em matéria fogo. É de ter em atenção que uma matéria não-fogo com o seu aquecimento dá origem a calor que logicamente é uma projecção de energia e portanto matéria fogo. No entanto esta matéria fogo pode não ter origem na matéria primitivamente aquecida, por esta ainda não ter ultrapassado o tal limite de agitação mole-

30

cular, e sim em outra matéria não-fogo que rodeia a primeira e cujo limite de agitação molecular é anterior ao da matéria não-fogo primitivamente aquecida. É o que acontece com um aquecedor eléctrico por resistência. O fio torna-se incandescente mas, embora pareça, não se torna completamente em matéria fogo. O que se transforma em matéria fogo é a matéria não-

fogo que o rodeia (talvez os electrões que estão em excesso).

O MOVIMENTO DA MATÉRIA. Quando falei em dotar os corpos (que formam campos magnéticos) de movimentos, poderíamos perguntar: Quem é que daria esses movimentos aos corpos? Ou antes: o que é que originou os movimentos dos corpos? Em princípio responderia pura e simplesmente: Qualquer reacção química poderia originar o movimento de toda a matéria existente no Universo (movimento transmissível em cadeia de matéria a matéria), se por acaso se desse a hipótese de toda essa matéria, em determinado momento, estar absolutamente parada, isto é, desprovida de qualquer movimento independente entre si ou entre o conjunto de toda a matéria. No entanto este assunto tem forçosamente de ser mais desenvolvido, pois se assim não fosse ficaria sem resposta a pergunta: Então qual o movimento que deu origem a essa reacção química? Analisemos bem a questão. Quanto a mim esse movimento mínimo que daria origem ao movimento de toda a matéria sempre existiu e sempre existirá: é infinito (no princípio e no fim). Se a matéria sempre foi e será eterna, o movimento da matéria é função da própria matéria.

Vejamos esta hipótese: Há matéria no espaço. Essa matéria é desprovida de qualquer movimento. Essa matéria forma um só corpo ou vários corpos (interligados ou desligados, como queiram). Se for-

31

ma vários corpos, estes são regidos pela lei da atracção universal. (Esta lei pode originar movimento). Se forma um só corpo essa matéria não deixa por isso de estar regida pela mesma lei de atracção.

Portanto, para não se poder dar qualquer movimento (originado pela referida lei da atracção) seria necessário que a matéria estivesse sistematicamente ordenada em relação ao centro ou centros de atracção da massa ou massas de matéria.

De facto analisemos a matéria. A matéria é formada por átomos. Se subdividirmos estes e considerarmos a parte mais ínfima, com que ficamos? Ficamos, certamente, com urna coisa que tende para uma esfera perfeitíssima. Garanto-lhes que é extremamente difícil, mesmo abstraindo a lei da atracção universal, equilibrar uma esfera, ainda que imperfeita, sobre uma outra esfera. Agora se considerarmos os milhões de esferas que são precisos para formar uma pequena porção de matéria chegaremos com certeza à conclusão de que seria absolutamente necessário que se dessem determinadas condições muito especiais, ou melhor, mesmo muito essenciais, para que não se desse nenhum movimento da matéria, ou antes, para que todas essas esferas não escorregassem, digamos assim, umas nas outras. (Mas podemos mesmo considerar que não são esferas e têm outra forma qualquer para também se darem estas circunstâncias). **Desta** maneira logo que se desse um pequeníssimo movimento de escorregamento entre essas ínfimas partes da matéria seria o suficiente para poder dar origem a uma reacção química pelo encontro de duas substâncias que teria como consequência a agitação (em cadeia) de toda a matéria com tantas outras reacções químicas e físicas secundárias inerentes (que bem podemos actualmente observar).

Este pequeníssimo movimento poderia levar milhares ou milhões de anos, ou melhor, um período qualquer de tempo a processar-se até originar a primeira reacção, reacção-base digamos assim, visto o tempo não contar para este caso e tanto mais que, sendo o tempo infinito, poderemos dispor de tanto quanto for necessário para este fim. No entanto podemos talvez afirmar que, ainda que na pior das hipóteses a origem do movimento da matéria se tivesse dado desta forma (no que não creio muito), esse pequeníssimo movimento sempre existiu, isto é, é infinito no princípio e no fim, pois que se não tivesse existido sempre, jamais poderia existir e a matéria manter-se-ia eternamente imóvel. Analisando estes pontos de vista é lógico pressupor que, sendo assim, também nunca parará o movimento da matéria e, portanto, este movimento será eterno, isto abstraindo, claro, a velocidade desse movimento. (Esta velocidade também deve obedecer a determinadas leis; pelo menos, a leis de harmonia). Vejamos agora, por curiosidade, quais as condições que seriam indispensáveis para que no espaço não houvesse e jamais pudesse **haver** qualquer espécie de movimento.

A) Deveria a temperatura no espaço conservar-se no zero absoluto para, desta maneira, se dar a imobilização dos movimentos moleculares.

B) Deveria toda a matéria existente no espaço conservar uma disposição harmónica perfeitíssima, uma em relação a qualquer outra, para nunca poder dar origem a uma possível deslocação (escorregamento) de matéria sobre outra matéria com as inerentes reacções químicas e físicas.

C) Deveriam as leis que nestas circunstâncias

33

existissem não terem jamais alguma possibilidade de originar qualquer movimento por mais diminuto que fosse.

D) Deveriam todas estas condições serem infinitas no tempo e no espaço, principalmente no espaço, pois se o fossem no espaço sê-lo-iam obviamente no tempo.

O UNIVERSO. O Universo é o conjunto da matéria, do espaço, do tempo e, podemos talvez dizer, da velocidade de agitação molecular da matéria, ou mais simplificada, do movimento. É tudo incluindo o nada (ou, c tudo dentro do nada). Todos estes elementos que constituem o Universo não se podem sobrepor, embora estejam interligados. **Há** uma correspondência única entre todos eles.

A matéria e o espaço. Dois bocados de matéria não podem ocupar simultaneamente o mesmo espaço. E também dois pontos do espaço não podem simultaneamente conter a mesma matéria. (Embora aparentemente pareça ser possível).

A matéria e o tempo. A mesma matéria nunca poderá situar-se duas vezes no mesmo tempo. Para isto seria necessário um retrocesso no tempo que já vimos ser impossível. (Não confundir situações idênticas com o mesmo tempo).

A matéria e o movimento. Sendo o movimento uma função da matéria através do tempo e do espaço é natural que nunca se dêem dois movimentos da

matéria absolutamente iguais. Embora seja esta hipótese a que tem mais probabilidades de se realizar, nunca se verificaria, pelo menos, no mesmo tempo e seria pouco provável no mesmo espaço, o que, só por isso, a torna diferente. Quanto a darem-se dois movimentos simultâneos da mesma matéria é absolutamente inadmissível, pois a matéria

34

tem um movimento único em determinado momento embora as causas desse movimento sejam variadíssimas. O movimento não é mais que a deslocação na direcção da força resultante de todas as forças que impendem sobre a matéria e que em casos normais devem ser duas: uma força rectilínea ou curvilínea através do espaço e outra em torno de si própria, da própria matéria.

Quanto à sobreposição dos outros elementos independentemente da matéria não tem razão de existir, pois todos eles são função da própria matéria e sem a existência desta deixariam também de existir. Não há portanto relação alguma, pelo menos lógica, entre esses elementos. Aliás, poderíamos talvez analisar o espaço e o tempo, mas verifica-se que, pelo menos em relação ao tempo, não há qual quer possibilidade de sobreposição seja com o que for.

Os astros são agregados de matéria com determinadas características. Vejamos a sua subdivisão: Estrelas, Planetas, Cometas e Nebulosas. Há outros corpos que também podem ser considerados astros, mas não interessa fazer-lhes qualquer referência. Refiro-me a asteróides e fragmentos doutros astros.

ESTRELAS. São agregados de matéria em combustão. Afora a sua grandeza, todas as estrelas devem ter as mesmas características. Vejamos a provável constituição dessas características.

A matéria e o movimento nas estrelas. Uma estrela é formada essencialmente por matéria fogo em maior quantidade ou quase toda e matéria não-fogo. É natural que na sua origem só fosse constituída por matéria não-fogo: combustíveis e comburentes. Nesse altura ocuparia um determinado volume no espaço. Depois qualquer circunstância originou o fogo, ou antes, a matéria fogo que se pro-

35

pagou a toda a matéria não-fogo que tinha propriedades combustíveis. É de notar no entanto que qualquer combustão leva determinado tempo a realizar-se por melhores combustível e comburente de que disponha. A combustão numa estrela pode levar anos, séculos ou mesmo milhões de séculos. Mas terá inexoravelmente de acabar em determinado momento: Quando se tiver esgotado todo o combustível ou todo o comburente. E também devido à libertação e separação da estrela de determinados elementos constitutivos e essenciais da matéria fogo, esta não terá, pelo menos antes de transformar-se em matéria não-fogo na sua totalidade, possibilidades de alimentar a combustão indefinidamente. Desta forma qualquer estrela acaba por se transformar num planeta. Nessa altura, a repulsão torna-se nula e provavelmente este planeta formado aproximar-se-á de outra estrela e entrará nesse sistema. Evidentemente a extinção duma estrela processa-se

duma forma extremamente lenta, pelo que não deve originar desequilíbrio notável no Universo. Mas ainda que originasse algum desequilíbrio sabemos perfeitamente que cedo ou tarde voltaria a equilibrar-se.

Vejamos agora o processo de formação e extinção duma estrela. Primitivamente a futura estrela era uma massa de combustível, comburente e outras matérias não-fogo (estas matérias em menos quantidade, talvez numa percentagem muito reduzida). Em determinado momento essa matéria não-fogo transformou-se em matéria fogo, isto é, deu-se a combustão. Esta combustão poderia ter origem em qualquer acontecimento até mesmo estranho e afastado dessa massa (como, por exemplo, o bombardeamento, digamos assim, dessa massa por meteoritos ou quaisquer protões do espaço). Também podia ter tido ori-

36

gem dentro dessa massa por qualquer reacção química ocasionada pelo encontro de duas substâncias que reagissem entre si.

Esta passagem da matéria não-fogo a matéria fogo deve processar-se por uma forma muito violenta, pois essa massa de matéria é já formada por combustível e comburente que, como sabemos, dura muitos milhões de anos a arder. Pode mesmo desintegrar a referida massa de matérias e espalhá-la pelo espaço, não dando assim origem, como é óbvio, a uma só estrela, mas podendo dar origem a várias estrelas e cometas (e possivelmente também planetas) ou simplesmente a fragmentos variados (autênticos projecteis através do Universo), conforme o grande ou pequeno volume da massa. Mas na hipótese admissível de a não desintegrar, propaga-se o fogo a toda a massa de matérias transformando-a numa estrela. Ainda que a referida massa de matérias fosse desprovida de qualquer movimento, o que não é nada natural (nem muito admissível), entraria desta forma em movimento, pois não é possível haver fogo ou matéria fogo sem movimento. Esta estrela projectaria no espaço momento a momento uma quantidade de matéria fogo enorme a uma velocidade fantástica, matéria esta que viajaria no espaço (a uma velocidade fantástica) até ser absorvida por qualquer outro astro, tendendo a transformar-se em matéria não-fogo em virtude de ir perdendo a velocidade inicial por cedência a outros corpos. Esta estrela levaria anos ou milhões de séculos a projectar essa matéria e energia no espaço. A pouco e pouco esta potência de projecção iria enfraquecendo até à extinção por exaustão da matéria-fogo. Então esta estrela transformar-se-ia num planeta, podendo até ter uma passagem intermédia por cometa.

Isto se tudo se passasse ordenadamente, pois

37

poderia atingir um ponto crítico em que explodisse e se fragmentasse em milhares ou mesmo milhões de projecteis, com percussões tremendas em todos os astros circunvizinhos. Daria um planeta com certeza pois teria matéria não combustível nem comburente e, mesmo que não tivesse, toda a matéria combustível e comburente daria origem a matéria não combustível nem comburente. Evidentemente numa porção muito

inferior à quantidade primitiva da massa. Ora nesta série de transformações sucessivas dar-se-ia também uma variação de leis e fenómenos que iriam regendo a vida (chamemos-lhe assim) desta massa no espaço. Primeiramente, antes da sua transformação em estrela, comportar-se-ia como um planeta, tivesse a forma que tivesse. Teria uma temperatura muito vizinha do zero absoluto (lembramos de que seria uma estrela em potência e portanto a menor quantidade de calor poderia desenvolver a sua transformação), e atrairia e sofreria atracção de todos os astros circunvizinhos.

Deveria estar muito distante da estrela mais próxima e como se deslocava no espaço seria muito provável que se aproximasse continuamente duma estrela qualquer, estrela esta que poderia até não ser a mais próxima. Parto do princípio (mais aceitável) de que se deslocaria no espaço uma vez que estava sujeita a todas as leis de atracção e repulsão dos astros. Mas se considerarmos que se mantinha parada o problema não sofre alteração. Nesse caso os outros astros deslocar-se-iam. É só poderia manter uma distância igual em relação a qualquer astro se se desse a coincidência de conservar um movimento absolutamente igual ao desse astro. Ora como qualquer movimento é sempre variável, ou antes, está constantemente a variar, essa coincidência seria muito pouco provável. Mas ainda que se desse em

38

relação a um ou mesmo vários astros, não se daria com certeza em relação a todos. Acontecia, de qualquer forma, que tenderia a aproximar-se continuamente dum grupo qualquer de astros onde naturalmente poderia existir uma estrela.

Desta maneira as condições de temperatura iriam sofrendo uma alteração progressiva. Note-se no entanto que para a sua transformação em estrela não seria preciso nada disto.

Poderia dar-se essa transformação por uma reacção físico-química qualquer dentro da própria massa pois, por muito lento que fosse o movimento, haveria sempre um movimento qualquer. Após a sua transformação em estrela as condições preexistentes seriam modificadas. A temperatura que era vizinha do zero absoluto passaria a ser a do plasma. A lei de atracção que existia seria modificada pela lei de repulsão e, portanto, diminuída. A atracção em relação a alguns astros distantes poderia até passar de um valor positivo para um valor negativo. As condições de todos os astros circunvizinhos seriam extremamente modificadas, principalmente dos que estivessem dentro do seu raio de gravitação. Poderiam dar-se explosões no seu plasma com projecção de matéria, matéria esta que poderia formar cometas e planetas que ficariam muito provavelmente fazendo parte do seu sistema. Evidentemente esta estrela atingiria um auge e depois declinaria até se extinguir. É natural que tudo isto se realizasse durante muitos e muitos biliões de anos. Mas o tempo não conta no Universo. Também podia realizar-se ordenada ou desordenadamente mas, através do tempo, a harmonia apareceria sempre.

PLANETAS. São agregados de matéria na maior parte constituídos por matéria não-fogo podendo ter ou não matéria fogo. Podemos analisar várias hipó-

teses para a sua formação. Entre elas vou expor as seguintes:

A) Teriam tido origem na explosão de uma nebulosa primitiva assim como a estrela a cujo sistema ficaram a pertencer. Assim também teriam matéria fogo proveniente dessa explosão. A pouco e pouco iriam gastando essa matéria fogo até ficarem só com matéria não-fogo.

B) Teriam sido originados tal qual existem agora, com maior quantidade de matéria fogo evidentemente.

C) Seriam a consequência do arrefecimento dum cometa que por fim estabilizou a sua órbita.

D) Primitivamente eram estrelas que a pouco e pouco foram gastando a matéria fogo e, desta maneira, por arrefecimento progressivo da superfície deram origem à sua fonia actual.

É de notar que estas hipóteses até poderiam dar-se simultaneamente.

Vamos analisar melhor a última. Não há dúvida que uma estrela actual vai arrefecendo, ou antes, vai gastando a matéria fogo de que é formada e como ninguém deita combustível nessa enorme fornalha, acabará por se extinguir.

É muito difícil apercebermo-nos da progressiva extinção duma estrela pois essa variação é muito pequena e só seria notada ao longo de vários milhões de anos. Uma estrela após a sua extinção dá origem a um planeta formado por matéria fogo e matéria não-fogo. A matéria fogo vai sucessivamente arrefecendo até se transformar num planeta, como o nosso planeta Terra, com um mínimo de matéria fogo que mesmo assim de vez em quando ainda tem uns escapes violentos. Mais tarde dará origem a um planeta

sem fogo nenhum, ou digamos, com muito poucas possibilidades, assim como a Lua. Note-se que tudo isto se refere ao que observamos na superfície, pois no interior, no núcleo, é natural que exista sempre matéria fogo devido à enorme pressão lá existente. Essa diminuição vai sendo progressiva e dar-se-á ao longo de milhões ou biliões de séculos. Mais tarde, quando essas formas tiverem sido reduzidas, uma estrela como o nosso Sol e o sistema solar, que está a um mínimo de distância de 4,3 anos-luz da estrela mais próxima, o que é uma distância fantástica, se se extingue, isto ao fim de milhões e milhões de séculos, acabará por ficar muito distante duma outra estrela. A não ser que entretanto se tenha aproximado duma e fique a fazer parte desse sistema estelar com outra estrela a fornecer-lhe energia e portanto também a todo o sistema solar que provavelmente ainda não conhecemos bem e completamente. No que diz respeito a planetas, conhecemos os que estão dum lado do Sol. É natural que não haja mais nenhuns, mas poderá haver. Por uma coincidência muito pouco provável (seria fantástica) poderá haver um planeta exactamente em oposição à Terra (do outro lado do Sol) e supondo que esse planeta tem uma órbita quase que igual à da Terra (seria um seu oposto), será invisível para nós, para lá do Sol, nem nunca o conseguiríamos ver. Só se conseguíssemos passar por detrás do Sol.

Mas, pelo menos do lado de cá, como eu lhe chamo, esses planetas são visíveis e conhecemos já uma quantidade deles: Mercúrio, Vénus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Neptuno, Plutão. Este último já foi descoberto muito mais tarde que os outros por cálculos fantásticos. Estas coisas enfim estariam todas mais ou menos ordenadas. Mas para lá do Sol, como digo, há dificuldade em ver.

41

Se essas órbitas coincidirem com as da Terra não teremos possibilidades de ver para lá do Sol. Só por outros meios como sejam talvez por ondas de rádio, radar, enfim, o que a ciência tem ao nosso alcance. Mas mesmo assim ainda será um pouco difícil. Ora a Terra é formada por matéria que pode ser combustível e tem também comburente. Se amanhã o Sol se extinguir e ficar a essa distância de 4,3 anos-luz da estrela mais próxima (pode até ficar a maior, pois pode estar a afastar-se embora aproximando-se de outra zona), que acontecerá? Não haveria matéria fogo nenhuma e a temperatura aproximar-se-ia muito do zero absoluto e nessas condições dar-se-ia quase uma paralisação da matéria. Quase, pois verdadeiramente não se daria essa paralisação. Para se dar teria de se atingir mesmo o zero absoluto ou menos que o zero absoluto e isso está provado por absurdo que não é possível. Seria preciso haver uma pressão negativa e os cientistas sabem muito bem como se prova essa impossibilidade. Mais tarde portanto que aconteceria se se chegasse a essa quase paralisação da matéria? A matéria deixaria de ter um poder de união tão grande entre os átomos e é natural que esses átomos se reduzissem e transformassem num mínimo. Se reduzissem até a separarem-se os electrões dos neutrões, a separar-se a própria estrutura do átomo por falta de coesão, do calor que lhes permite essa união. Então que daria? Daria uma estrutura igual e esses átomos passariam a ser átomos simples, reduzidos à sua menor expressão. Ficaria tudo em hidrogénio que é um átomo dos mais elementares ou talvez até menos do que isso, ou seja, um átomo ou componentes do átomo com um mínimo de estrutura. Ora esses componentes todos que existem actualmente transformar-se-iam nisso. Que ficaria? Ficaria um agregado de massa de

42

matéria que em potência seria uma nova estrela. Bastaria a mais pequenina fricção, a mais pequenina matéria fogo. Estávamos muito afastados dela, pois isto seria consolidado em milhões de anos e portanto sem possibilidades de alteração, sem qualquer efeito de calor que produzisse uma explosão por pequena que fosse. Isto foi transformado no zero absoluto ou quase. Quase a atingir o zero absoluto transformou--se tudo e os elementos por falta de coesão, daquela força que os electrões têm à volta dos seus núcleos, tudo dependente duma força de calor, de energia vital. Há um mínimo de calor para haver essa energia. Se o calor todo faltasse dava-se o desmembramento da coesão que actualmente existe. Dando-se esse desmembramento ficaria, como já disse, uma estrela em potência. Ficaria um agregado de matéria, sem coesão nenhuma, como elementos simples, mas combustíveis

e comburentes que poderiam dar uma reacção qualquer. Se fosse bombardeado por outra estrela qualquer com um mínimo de luz, daria origem a outra estrela este conjunto destes planetas todos que poderiam ter formado um aglomerado de massa fantástica, pois depois dessa falta de coesão o volume aumentaria extraordinariamente em proporções nem por nós imaginadas e poderiam ligar-se umas às outras (quem nos diz que a massa da Terra não poderia ligar-se à da Lua e à do Sol e à de todos os outros planetas?). De qualquer maneira, ou uma só ou várias massas ficarão massas potenciais para virem a ser estrela ou estrelas assim que aparecesse um bocadinho de calor que originasse uma primitiva explosão e depois propagação à matéria toda. Ora o Sol é natural que dê um planeta como a Terra e se se aproximar doutro sistema estelar e ficar a gravitar à sua volta então já não se dará nada disto e far-se-á um outro sistema de planetas. A Terra pri-

43

mitivamente era muito maior em volume e se nós conseguíssemos pensar só no que seria o volume da água existente na Terra transformada em oxigénio e hidrogénio isso daria um volume fantástico. Se se tivesse dado uma explosão, daria depois um elemento neutro, a água (com possibilidades de se transformar outra vez em oxigénio e hidrogénio).

Primitivamente a Terra era uma massa muito maior. Como perdeu a matéria fogo a pouco e pouco é natural que também fosse perdendo na sua travessia no espaço e devido à força centrífuga que ela própria cria em torno de si própria e na sua viagem pelo espaço numa órbita elíptica em torno do Sol, a sua própria matéria, mesmo a matéria não-fogo, uma matéria inerente à própria Terra como, por exemplo, a atmosfera. Primeiro perder-se-iam as partes mais voláteis, os gases, e essa atmosfera que rodeia a Terra irá escasseando e, com certeza, há uns milhões de anos atrás seria muito superior à que existe actualmente. Este facto é atestado pelo porte das árvores antigas que era fantástico. Fetos como árvores. Árvores enormes que não existem já ao de cima da Terra. Porque era possível a existência dessas árvores (e animais gigantesco)? Façam só uma comparação com o que existe actualmente e vêem logo. Porque a pressão à superfície da Terra era talvez dez ou vinte vezes maior do que é actualmente, ou mesmo mais. E para mais vejam. Uma árvore no cimo duma montanha é raquítica. Porquê? Porque não tem uma pressão que a obrigue a enrobustecer-se para a vencer, para forçar essa pressão, e a ter força suficiente para se desenvolver. Uma árvore num vale (na superfície ao nível do mar) já toma portes bem elevados, sendo quase impossível a mesma árvore obter portes tão robustos no cimo duma montanha bem elevada. Portanto isso denota que

44

uma diferença de pressão faz a mesma árvore ter uma configuração diferente. No princípio da Terra a coisa era a mesma. A Terra está constantemente a perder atmosfera até que dará mais tarde um planeta como a Lua sem atmosfera quase nenhuma. Mais tarde essa Terra, ou antes o sistema solar, dará por arrefecimento

e desmembramento um potencial para uma nova ou novas estrelas. É natural que este ciclo se repita por séculos e séculos, num movimento perpétuo.

O interior da Terra é matéria fogo devido à grande pressão que lá existe. O calor deve aumentar com a pressão até chegar mesmo a transformar a matéria em plasma. É natural que o interior de todos os planetas seja assim. Até mesmo o interior da Lua.

COMETAS. Há várias hipóteses para a sua formação. Vamos ver uma. Se uma estrela se apaga, a sua extinção dá-se numa forma extremamente lenta. Pode dar-se o caso de essa extinção não ser integralmente repartida pela sua superfície.

Que aconteceria se se extinguísse mais depressa dum lado do que do outro? Chegaria uma ocasião em que a estrela seria metade estrela e metade planeta. Com certeza isto traria implicações muito grandes. Por um lado as leis de atracção da matéria não-fogo. Por outro lado as leis de repulsão da matéria fogo. Talvez um cometa seja assim formado. Evidentemente também pode ter origem doutra maneira. Na explosão, por exemplo, de qualquer agregado de matéria ou na explosão que originará simultaneamente uma ou várias estrelas, um ou vários cometas, um ou vários planetas.

Estas hipóteses ou outras quaisquer também podem coexistir em vários pontos do espaço.

NEBULOSAS. Podem ser:

45

A) Um conjunto de estrelas, planetas e cometas; um conjunto de galáxias.

B) Uma mancha de matéria em arrefecimento e decomposição (com temperatura aproximada do zero absoluto), verdadeiro potencial para um futuro conjunto de estrelas, planetas e cometas.

A VIDA. É natural que as condições primitivas de vida fossem muito diferentes das actuais. É possível que as plantas e os animais fossem sofrendo mutações a fim de se adaptarem às condições existentes que variavam através do tempo. Mas temos de atender a uma hipótese. Se as mutações foram progressivas, chamemos-lhe assim, também podem vir a ser regressivas e neste caso muito mais facilmente, visto que os genes devem conter uma informação, ainda que muito apagada, da existência anterior. Desta forma poderíamos verificar experimentalmente se as teorias de Lamarck e Darwin estão certas. Bastaria meter plantas e animais escolhidos numa câmara que teria de ser enorme e com vidro ou vidros no tecto e fazer variar as condições actuais regressivamente durante várias gerações (não sei se a vida do homem chegaria para verificar as alterações, mas pelo menos em alguns casos talvez fosse suficiente, tanto mais que regressivamente poderia acelerar-se a experiência, pois como disse os genes devem conter informações das gerações anteriores). Nesta experiência não nos podemos esquecer das atmosferas e pressão do ambiente. Primitivamente a atmosfera devia ser muito rica em anidrido carbónico e a pressão deveria ser elevadíssima. Só assim se podem explicar os portes majestosos de antigas plantas. Podemos até, como já disse atrás, fazer uma comparação com a actualidade. Uma planta no cimo duma montanha é raquítica e no fundo dum vale

atinge grande envergadura. Se fosse possível fazer-se esta experiência, gostaria muito de conhecê-la ou, pelo menos, vir a saber dos resultados.

Existe uma confusão no que diz respeito às leis de Mendel aplicadas à formação gamética. Ouve-se frequentemente falar na ligação de duas cobaias de linhas puras. Temos de ter bem presente que as cobaias só podem ter linhas puras em relação a vários caracteres, mas haverá um par de caracteres que, nos indivíduos dióicos ou gonocóricos, não voltarão a ter linhas puras. É o par de caracteres que diz respeito aos sexos. É possível que tivesse havido uma primeira linha pura formada por indivíduos (que logicamente seriam hermafroditas ou monóicos) possuidores dos dois pares de caracteres XX e YY. Mas a partir da primeira geração em que os sexos se diferenciaram não mais poderá existir essa linha pura que é apanágio dos indivíduos hermafroditas.

Agosto de 1971

Página em branco

Alguns pensamentos:

Bem pode tudo querer quem nada tem a perder.

Os Homens quanto mais dinheiro vêem mais miseráveis se tornam.

Se chamares a um Homem burro, ele ficará menos burro.

O acompanhamento dum funeral é o somatório dos amigos e inimigos que o defunto tinha.

A verdadeira Modéstia está em dizer aquilo que é exactamente capaz de se fazer.

A Felicidade só é possível em pensamento ou sem pensamento.

É mais prejudicial um mau pensamento que uma má acção.

Agosto de 1971

Página em branco

O Homem não compreende ainda o absurdo da vã tentativa de querer explicar a Origem das Coisas, situando-a num ponto qualquer do Espaço infinito. Espaço este que jamais poderá reduzir ao nada ou mesmo sequer limitar.

Ainda mais absurdo será querer situar esse ponto obrigatoriamente numa vizinhança do seu ego.

Consegue aperceber-se de Coisas distantes dele bilhões de anos-luz. E situa logo esta parte do Universo como o Centro do Universo e pensa como se, para lá desta distância, nada mais existisse. E quantos mais bilhões de bilhões de anos-luz não haverá cheios de Coisas!

Não vê que o Universo (e o Espaço) como Infinito não pode ter Centro.

51

Página em branco

52

Apesar de todo o meu arrazoadado não consegui definir com precisão uma das minhas ideias principais: A pseudo explicação de um dos estados da matéria.

A matéria tem vários estados, uns conhecidos e outros talvez ainda desconhecidos.

Um dos ainda mal conhecidos é o movimento.

Não haverá dúvidas de que qualquer porção de matéria num momento qualquer terá um movimento, movimento esse que variará entre a vizinhança do zero e a vizinhança dum máximo.

Fora destes limites a matéria provavelmente transformar-se-á e passará a outros estados ou formas com possibilidade talvez de regresso.

O limite zero parece não ser possível atingir ou ultrapassar.

Para isso seria necessário atingir a temperatura do zero absoluto o que, em interdependência com a pressão, está provado por absurdo ser impossível senão atingir, pelo menos ultrapassar.

(Ao falarmos de qualquer coisa da Natureza não devemos empregar a palavra absurdo, mas antes a expressão «muito pouco provável», pois o que nos pode parecer absurdo, poderá a Natureza explicar por condições e situações para nós sequer insuspeitáveis).

Por oposição, o limite máximo será uma situação de plasma ou provável transformação em energia.

Ora a minha divisão em matéria-fogo e matéria-não-fogo não foi mais que um corte arbitrário neste conjunto para poder estudar e aflorar determinados problemas.

53

Já outros antes de mim fizeram também cortes mais ou menos felizes neste conjunto como, por exemplo, a luta eterna entre o fogo e o frio.

Quanto a mim, no Espaço podem existir simultaneamente os dois limites, com permutas entre eles.

Também no que diz respeito à quantidade de matéria existente no Espaço poderá ser constante ou variar entre o tudo e o nada.

Aperfilho a primeira hipótese se considerar a energia como parte ou estado da matéria.

No que diz respeito à quantidade de movimento de toda a matéria existente no Espaço, e considerando essa quantidade como a soma de todos os movimentos, também poderá ser constante ou variar entre um mínimo e um máximo (e poderá mesmo esse mínimo e/ou máximo serem infinitos).

54

UMA NOVA HIPÓTESE PARA A TEORIA DA EXPANSÃO DO UNIVERSO

Suponhamos que, num poço sem fundo e sem fim, deixámos cair sucessivamente vários objectos (numa quantidade enorme).

Que aconteceria?

Todos os objectos cairiam com uma velocidade acelerada progressivamente. Ir-se-iam afastando progressivamente uns dos outros, pois os primeiros a caírem no poço teriam, num determinado momento, uma velocidade maior do que os que se lhe seguiam. E cada um teria, num determinado momento, uma velocidade maior do que qualquer outro anterior.

O Espaço é um poço sem fim.

As Galáxias são conjuntos de objectos a caírem

nesse poço.

Estes objectos não estão livres de possuírem outros movimentos próprios além do da queda no Espaço.

55

Página em branco

56

Gostaria de, só por mera curiosidade, saber qual a velocidade real da Terra no Espaço.

Será uma velocidade que poderá variar entre a vizinhança do zero e a vizinhança do fantástico.

Também gostaria de saber se a Terra terá a possibilidade ou não de passar pelo mesmo ponto do Espaço duas ou mais vezes.

São perguntas que jamais poderão ter resposta pois é impossível localizar um ponto fixo em relação ao Espaço, dentro do Espaço.

É preciso para isso que o localizador estivesse fora do Espaço. E ainda que isto fosse possível seria muito difícil a nossa percepção dessa possibilidade.

57

Página em branco

58

A IDADE DO GELO NA TERRA

Houve uma época em que a Terra sofreu um arrefecimento e esteve coberta de gelo (totalmente).

Esta asserção causa-me um certa confusão, em certos aspectos.

A análise que vou fazer não quer dizer que esteja certa e, portanto, as outras teorias erradas. Vou só expor os meus pontos de vista e quem quiser verifique o que mais provável lhe parecer.

Sabemos que uma montanha de gelo contém uma grande massa de água e acumula-se em cima da Terra em camadas com quilómetros de altura.

Podíamos talvez prever o que aconteceria se, por hipótese, todo o gelo existente na Terra se transformasse em água.

Embora o gelo seja menos denso que a água, seria provável que a quantidade de Terra agora submersa aumentasse muito, pois a água distribuir-se-ia horizontalmente e não em altura, como acontece.

Talvez até não fosse ilógico supor que a Terra submergiria toda ou quase toda.

Agora analisemos a quantidade de água que seria precisa para criar uma camada de gelo num continente, por exemplo, o Europeu, camada de gelo talvez com quilómetros de espessura. ; Essa água seria com certeza roubada ao mar e desta forma mais terra emergiria. Bem, isto não quer dizer que o mar não tenha água suficiente para cobrir toda a Terra. Também é possível que antiga-

59

mente houvesse mais água na Terra, água esta que por qualquer motivo desaparecesse e continue a desaparecer.

Vejamos agora outro aspecto.

O Sol emite constantemente milhões de calorías por segundo que são em parte absorvidas pela Terra.

Quanto mais recuarmos no tempo maior seria a quantidade de calorías por segundo emitida.

Mesmo que a Terra tivesse estado a maior distância do Sol, teve sempre um círculo máximo parecido com o actual Equador onde os raios do Sol dardejariam perpendicularmente.

Como será possível conceber essa parte da Terra totalmente gelada e coberta por glaciares?

Só se o Sol se tivesse extinguido ou se a Terra estivesse muito longe, tão longe que não fizesse ainda parte do Sistema Solar.

O fogo interior na Terra vai-se extinguindo a pouco e pouco.

Antigamente e quanto mais recuarmos no tempo mais violento seria esse fogo e mais abundantes seriam os tubos de escape (vulcões).

Isto não quer de maneira nenhuma dizer que não houvesse vulcões sobre o gelo. Mas pelo menos não seria tudo gelo e haveria alguns mananciais de calor.

u Hipóteses talvez mais coerentes:

Suponhamos que o Polo Norte se desloca sobre a Terra (com muita lentidão certamente) e completa um círculo máximo (possivelmente helicoidal) num determinado período de tempo (talvez em milhões de anos). Seria mais um movimento da Terra a ser estudado que talvez explicasse a formação de glaciares onde outrora existira uma zona tórrida e vice-

60

-versa. Também explicaria uma certa periodicidade destes fenómenos.

A deriva dos Continentes também poderia ser explicada pela passagem de qualquer ponto da Terra, ora por zona frígida, ora por zona tórrida.

No entanto a deriva dos Continentes também

pode muito bem ser uma ilusão devida ao deslocamento do eixo da Terra.

Se os Continentes deslizassem sobre o Sima seria natural que mantivessem a sua posição relativa, pois desusariam sobre uma superfície mais ou menos esférica.

Evidentemente poderiam ter velocidades de escorregamento diferentes devido a atritos também diferentes, mas mesmo assim tenderiam a juntar-se formando um Continente único. A não ser que flutuassem num vaivém, umas vezes aproximando-se, outras afastando-se, hipótese esta também admissível mas muito contrariada pela lei de atracção universal.

Ora se um Continente estiver a submergir devido à deslocação de um peso numa camada de gelo, poder-se-ão, dar duas hipóteses.

Ou o Continente é muito pequeno em relação a essa camada de gelo e então submergirá todo e consequentemente emergirá outro ou parte de outro Continente para restabelecer o equilíbrio, ou o Continente é muito grande e então submergirá num lado e emergirá no outro. Tudo isto originará um conjunto de movimentos muito complexo acrescido de regressões e transgressões marinhas.

Estas hipóteses processam-se lentamente, mas não invalidam a possibilidade de cataclismos a alterarem bruscamente as condições existentes. Assim, se por qualquer motivo o eixo da Terra sofresse uma torção brusca de noventa graus (talvez nem

fosse preciso tanto), as zonas frígidas passariam para a zona tórrida e pontos da zona tórrida passariam para zonas frígidas. Estes pontos gelariam e os gelos derreter-se-iam originando inundações diluvianas e outras catástrofes. O degelo seria muito mais rápido que a deposição até total compensação de gelo em altura nos pontos a gelar.

Uma variação na inclinação do eixo da Terra em relação à eclíptica também poderia originar alterações importantes.

Conclusões possíveis:

O eixo da Terra desloca-se lentamente, percorrendo os seus extremos um círculo máximo (pouco provável) ou um helicóide (mais provável), podendo qualquer extremo ter estado ou vir a estar em qualquer ponto do globo terrestre. Na pior das hipóteses a deslocação não é tão ampla e só terá uma amplitude de um quarto de círculo ou menos (muito pouco provável).

De qualquer maneira um ciclo completo deste movimento deve processar-se em milhões ou mesmo milhares de milhões de anos.

Em vários pontos da Terra haverá estratos alternados que revelarão a existência de épocas de intenso frio (polo da Terra) e intenso calor (equador). A diferença de idades entre dois estratos do mesmo teor deverá ser igual ou múltipla no mesmo ponto e em pontos diferentes. Será múltipla se, por qualquer motivo, a época que passou não ficou registada. Um motivo poderá ser a irregularidade do percurso dos extremos do eixo da Terra. Outro motivo poderá ser a dificuldade de registo na camada superficial então existente.

Pode-se prever a direcção que está a seguir a deslocação dum extremo do eixo da Terra. Deslocar-

-se-á do Continente que está a emergir para o Continente que está a submergir.

Haverá uma linha de ruptura entre a zona que está a ser submersa pela deslocação do polo norte e a zona que está a emergir pelo afastamento do polo sul.

Haverá outra linha de ruptura entre a zona que está a ser submersa pela aproximação do polo sul e a zona que está a emergir pelo afastamento do polo norte.

Estas duas linhas de ruptura ou estão unidas formando um anel, ou separadas talvez por outras duas linhas de ruptura que fazem com elas uma cruz, originadas por quaisquer outras forças.

Tudo isto poderá submergir qualquer Continente e fazer aparecer outro. No entanto processa-se tão lentamente que o Homem mal se aperceberia mesmo se visse o tempo suficiente para observar um ciclo completo.

Se o Globo Terrestre tivesse uma temperatura bem repartida e sensivelmente igual em todos os pontos nada disto se dava. Mas em virtude das grandes diferenças de temperatura a água gela nuns pontos e evapora-se noutros.

Dá-se como que uma transferência da água do equador para os polos.

A água solidificada vai-se sobrepondo em camadas que crescem em altura transferindo um razoável peso para os pontos em que se deposita.

Se, por hipótese, o centro do local de depósito fosse o centro do Continente Europeu talvez o peso fosse capaz de submergir este Continente totalmente ou, pelo menos, numa grande parte.

Provavelmente existem agora um ou dois Continentes submersos que já estiveram emersos em tempos anteriores (Polo Norte e Polo Sul).

Devido à necessidade de paralelismo entre eixos de astros (conforme referi noutro capítulo) é muito provável que o plano da eclíptica descreva uma volta completa em torno do Sol no mesmo tempo em que um extremo do eixo da Terra dá uma volta completa à Terra (durando talvez milhões de anos).

Implicações:

Os dois Polos podem deslocar-se para cima de dois Continentes. Podem deslocar-se para o Mar. Podem deslocar-se o Polo Sul para o Mar e o Polo Norte para cima dum Continente. Podem deslocar-se o Polo Sul para cima dum Continente e o Polo Norte para o Mar.

Estas quatro formas de deslocação implicam condições diferentes de ciclo para ciclo.

Devido a um deslocamento da eclíptica sensivelmente igual nos dois polos terrestres seria natural que as temperaturas médias anuais originadas nos dois polos também fossem sensivelmente iguais.

No entanto qualquer variação de temperatura é absorvida mais rapidamente pela terra do que pela água.

Assim a terra aquece e arrefece mais rapidamente que a água. E também, como é óbvio, a água conserva mais tempo o frio e o calor.

Sejam quais forem as condições de temperatura nos Polos, provavelmente tornar-se-ão mais quentes ou mais frias conforme os Polos estejam no Mar ou

em cima dum Continente (ou vice-versa!).

Como a água conserva melhor o calor ou o frio do que a terra, deverá levar mais tempo a adquirir temperaturas mais baixas (a sofrer variações de temperatura).

Assim, um Polo no mar deveria ter temperatura mais alta que sobre a terra. O gelo e o degelo deveria levar mais tempo a realizar-se.

64

Em terra deveria dar-se talvez exactamente o contrário. Ter temperatura mais baixa e a água gelar ou degelar mais rapidamente.

A amplitude do local gelado deveria ser maior em terra do que no mar.

Se as condições de temperatura do Polo Norte fossem diferentes das do Polo Sul mais complicações resultariam.

Todas estas hipóteses deveriam ser verificadas.

Polo situado no mar.

A sobreposição do gelo cresce muito mais em profundidade do que em altura, tomando como referência o nível do mar.

Talvez o bloco de gelo formado seja, nas mesmas circunstâncias, maior no mar do que em terra, por ter a matéria prima (água) mais à mão, por não subir tanto em altura e ter assim uma camada atmosférica mais rica em volume de vapor de água, por conservar talvez melhor o frio, etc.

Polo situado em terra.

Tomando como referência o nível do mar, a sobreposição do gelo cresce quase exclusivamente em altura. A matéria prima (água) vem toda da atmosfera.

Em circunstâncias idênticas, o bloco de gelo formado deverá ter temperaturas mais frias em terra do que no mar, pois a altitude é maior.

O peso do bloco de gelo dará origem a um abaixamento (afundamento) da terra que variará com o crescimento do bloco e com a estrutura das camadas subjacentes.

65

Página em branco

66

MOVIMENTO PERPÉTUO MOTO-CONTÍNUO

Cientificamente está provado que o movimento perpétuo ou moto-contínuo não existe.

Todas estas provas são um tanto ou quanto incoerentes, pois não têm uma explicação lá muito lógica e são mais baseadas no facto de o nosso espírito não poder conceber uma coisa ou uma máquina que possa trabalhar por si só, sem auxílio de nada, sem um princípio de movimento auxiliado.

Eu não tenho dinheiro e não poderei talvez nunca realizar as experiências que desejava fazer. Mas tenho a impressão de que estudando bem o poder de atracção e repulsão entre dois imanes (e tão pouco se sabe sobre estes campos magnéticos) chegaria à fabricação duma máquina que trabalhasse

em movimento perpétuo ou moto-contínuo.

Seria construída da seguinte maneira:

Três rodas concêntricas.

A mais interior teria fixos vários imanes com um dos polos, por exemplo o polo norte, orientado (em todos os imanes) para o centro. Desta maneira o outro poio (polo sul) ficaria orientado para a periferia da roda.

A mais exterior seria uma coroa circular também com vários imanes orientados ao contrário dos da roda mais interior.

Desta forma ficaríamos com dois grupos de imanes que poderiam girar em torno um do outro. Como tinham polos do mesmo sinal repelir-se-iam

67

e entrariam em movimento se uma parte do campo de repulsão fosse desviada.

Ora até agora ainda não se descobriu um isolador de campos magnéticos e, só por isso, aqui está uma dificuldade enorme a vencer. Mas os campos magnéticos podem ser desviados. Assim a roda intermédia seria um cilindro oco de ferro macio com ranhuras orientadas que só permitiria a repulsão dos polos dos imanes quando estes estivessem em posição conveniente. (Se houver, no Espaço, discos voadores, eles poderão ser mais ou menos fabricados com estas características).

Já tentei realizar algumas experiências para verificar estas hipóteses.

Mas mesmo que gastasse o dinheiro todo de que disponho actualmente não conseguiria sequer um arremedo do que pretendia.

Algumas técnicas laboratoriais são-me tão inacessíveis como uma viagem à Lua.

Há alguns anos vi um documentário cinematográfico onde testavam a equilibragem da hélice dum avião. A hélice pesava, salvo erro, centenas de quilos (para não dizer toneladas). Mas mesmo que fossem dezenas!

Um dos técnicos subiu a um escadote ou andaime e colocou um papel de cigarro, vulgarmente chamado mortalha, sobre uma das pás da hélice parada. E, lentamente, a hélice começou a mover-se adquirindo velocidade até cair o papel,

Eu não precisava de uma roda de centenas de quilos, nem de dezenas, nem sequer de unidades. Mandei fazer, numa oficina de torneiro que me pareceu até ter máquinas capazes da execução, uma roda pequena para trabalhar entre pontos que fosse perfeitamente equilibrada. Paguei um dinheirão e fiquei horrorizado com o mamarracho que me entregaram.

68

Nós sabemos fazer até muito bem cópias do que já existir, mas quando se trata de inovações... Enfim! Sabemos muito bem copiar tudo, tudo, mas daqui não passamos.

E gastam-se milhões tão inutilmente! Só eu não tenho alguns milhares para desperdiçar!!!

Vamos agora analisar vários assuntos.

1) — Um átomo qualquer não é mais do que moto-contínuo. Um núcleo e electrões em movimento perpétuo.

Quando parará?

Talvez nunca, nunca mais.

Tenho a impressão de que sempre existiu e sempre existirá. Pelo menos acho lógico que nunca pare esse movimento.

Evidentemente a quantidade de movimento poderá ser maior ou menor, isto é, esse movimento poderá ter uma maior ou menor aceleração, mas existirá sempre e deve ser um moto-contínuo.

Agora vejam a infinidade de átomos que existe no Universo e digam-me se todos esses átomos não têm um movimento perpétuo; se cada um deles não é um moto-contínuo!

2) — A Terra é um planeta que forma um todo decomponível em várias partes. Sabemos que existem ciclos: o ciclo da água, o ciclo do azoto, o ciclo do oxigénio, o ciclo do carbono, etc., etc.

Todos estes ciclos e todos os mais que possam existir são movimentos perpétuos e existirão pelo menos enquanto existirem essas condições. Mas mesmo que as condições mudassem continuariam a existir. Talvez mudassem de aspecto, mas enquanto houver matéria (e esta existirá sempre) haverá um movimento perpétuo e vários ciclos que não são

69

mais do que a continuação do movimento perpétuo dos átomos.

E mesmo que a matéria deixasse de existir poderíamos pelo menos pensar assim em relação ao enquanto a matéria existir.

Porque será que o Homem não vê ou não quer ver aquilo que tem à frente dos olhos?

70

APOLOGIA DOS BURROS

Com que direito um indivíduo inteligente critica outro por ser estúpido?

Uma criatura estúpida terá alguma culpa da sua estupidez?

Geralmente todos dizem que há um grande abismo entre um génio e um idiota. Haverá?

Que culpa tem o génio de ter nascido génio e o idiota de ter nascido idiota?

Ou será que o idiota tem possibilidades de se transformar em génio e pura e simplesmente não o deseja? Mas também se o desejasse talvez mais valesse continuar a ser idiota do que ser um génio como alguns que por aí há que não passam de idiotas por terem tantas pretensões à genialidade.

Menospreza-se um ser humano só porque a mãe-zinha e o paizinho não tiveram a feliz ideia de lhe ceder uns genes hereditários (que se calhar também já não possuíam ou estavam muito atrofiados) com uma boa dose de inteligência.

Felizmente a Humanidade arranhou talvez sem querer uma forma de defender alguns destes desgraçados: o Capitalismo.

Como todas as coisas ou quase todas arranjadas pela Humanidade esta também enferma de muitos defeitos.

Assim vêem-se muitos desperdiçar o dinheiro numa forma estúpida ou guardá-lo a sete chaves (o que ainda é pior) e muitos outros a precisarem de

71

o desperdiçar em coisas úteis para a Humanidade e sem o terem sequer para as suas necessidades.

E os que não têm dinheiro nem inteligência transformam-se muitas vezes na escória da Humanidade (e só por culpa dela).

E chamamos os outros animais de animais inferiores. Inferiores eles que têm sempre lugar para um da mesma espécie, que lutam pela vida nas mais duras circunstâncias, mas nunca ou quase nunca matam um da mesma espécie.

Parece-me que com toda a sua inferioridade são mais inteligentes que nós e deviam ter um lugar de destaque na nossa Sociedade. Pelo menos para nos servirem de exemplo. Aprenderíamos a não desprezar os nossos semelhantes só porque a cor da pele não é a mesma ou o quociente de inteligência não está acima daquele mínimo indispensável para sair do grupo dos cretinos.

Podem dizer que estou a exagerar, que não desprezamos os estúpidos assim como não desprezamos os pobres.

Pois sim! Mas não os tratamos como iguais. Damos-lhe uma esmola.

Sempre agradei todas as ajudas que me deram, mas já recusei ajudas só porque não eram ajudas, eram esmolas. E eu não gosto de esmolas. Têm sempre uma intenção de humilhar, de rebaixar.

E ao elevarmos a um pedestal muito alto, ao endeusarmos a genialidade dos homens, estamos a ofender os menos dotados que não tiveram culpa nenhuma de lá não poderem chegar.

Tanto valor tem um varredor da rua como um professor catedrático. Tanto valor tem um moço de fretes como um chefe de estado. Isto é o que dizemos. Mas como procedemos na prática? Sim, mesmo nos países que se dizem mais civilizados?

72

Criamos tacitamente uma escala de valores para remunerar e diferenciar. Mas esses valores não são só em dinheiro. São em tudo. Em honras, em considerações, etc., etc., etc.

É condenável um estúpido pôr limitações a um indivíduo mais inteligente só pela simples razão de não se deixar ultrapassar.

E é condenável um inteligente, só porque algumas vezes botou cá para fora umas ideias acertadas, refugiar-se num pedestal (o pedestal dos génios) e não reconhecer as suas asneiras e, o que ainda é pior, pensar que os outros todos são uma cambada de burros e situá-los num nível muito rasteiro.

Aliás é errado situar uma pessoa permanentemente num determinado nível, pois um estúpido pode

fazer muitas coisas acertadas e ter intuições geniais, e um gênio pode fazer muitas asneiras e ter intuições estúpidas.

É além disso o pensamento tem flutuações constantes entre a inteligência e a imbecilidade.

Devemos considerar um inapto como um doente que tem possibilidades de se curar.

Assim como um gênio se pode transformar num imbecil através da loucura, também um inapto se pode transformar num gênio se for auxiliado e tiver tempo para curar a sua inaptidão.

Um macaco já pode falar com o homem através dum computador. O computador veio ajudar o macaco na sua inaptidão. Veio dar-lhe algo que lhe faltava.

Algum treino adequado pode desenvolver uma inteligência embotada.

Mesmo nas pessoas mais estúpidas e cretinas vêm-se por vezes rasgos de genialidade. Se bem que fugazes e instantâneos e só perceptíveis por outras pessoas mais dotadas, poderiam com a ajuda destou-

73

tras pessoas virem a ser percebidos por esse espírito embotado.

Seria como que um rastilho para atear uma explosão de luz. E esse espírito teria possibilidade de desenvolver e remexer escaninhos secretos da sua mente que nunca pensara que existissem sequer.

Que faz a Humanidade?

A pouco e pouco convence um burro de que ainda é mais burro do que aquilo que pensava.

É como aquela enfermeira empedernida à custa de muitos anos de hábito que pouco a pouco passa a tratar os seus doentes com muito menos carinho.

Um estúpido é um doente do espírito que, mais que os doentes do corpo, precisa de carinho, compreensão e ajuda.

Evidentemente o melhor passo para uma cura será a colaboração do doente. Assim o doente terá de compreender que o querem ajudar e não humilhar ou rebaixar.

Em tempos escrevi:

«Se chmares a um homem burro, ele ficará menos burro.»

Parece um contra-senso.

Que queria eu dizer?

Primeiro é preciso termos alguma coragem para chamarmos burro a um indivíduo, principalmente se esse indivíduo se situar alguns degraus acima na nossa escala hierárquica e/ou potencial.

Depois duas coisas podem acontecer:

Ou esse indivíduo mais tarde ou mais cedo se convence da sua asneira e, dando ou não o braço a torcer, tem possibilidades de se corrigir e, pelo menos, não voltar a cair noutra idêntica, ou não se convence e nos mostra como teremos de tratar com ele.

Nesta última hipótese, e ainda que nós não te-

74

nhamos razão, ele ficará a pensar no assunto mesmo que não queira e, portanto, com possibilidades de o analisar profundamente adquirindo assim mais conhecimentos.

Quantas vezes depois disso e quando os ânimos

estão menos exaltados, ele vem ter connosco e nos diz: «Olhe lá! Sobre aquele assunto do outro dia Você não tinha razão por mais isto e mais aquilo.»

É uma maneira muito correcta de nos retribuir o cumprimento!

Será a nossa vez de ficarmos a magicar no assunto.

Só numa Sociedade de quimera é que poderia haver solução para este estado de coisas.

Uma Sociedade formada por seres polivalentes. Seres que dividissem as suas ocupações em dois grandes grupos.

Um grupo de ocupações privilegiadas como: professores, chefes, estudantes, ou antes, estudiosos, médicos, cientistas, etc.

Outro grupo de ocupações de utilidade pública como: pedreiros, carpinteiros, varredores, trabalhadores rurais, ajudantes, e todas as ocupações consideradas duras e árduas indispensáveis à Sociedade.

Qualquer criatura teria obrigatoriamente de dividir o seu tempo de trabalho em duas partes iguais.

Uma parte obrigatória para distribuir pelas ocupações de utilidade pública numa rotação que passaria por várias ocupações segundo a sua robustez, saúde e outras características.

A outra parte para se dedicar a uma só das ocupações privilegiadas consoante o seu gosto e onde poderia desenvolver a sua capacidade como ser racional e inteligente.

Se quisesse ocupar esta segunda parte com ocupações de utilidade pública deveria ser analisa-

75

da a sua sanidade mental e, enfim, quem corre por gosto não cansa...

Estes dois grupos de ocupações poderiam ter permuta de ocupações conforme a exigência das circunstâncias e, em caso de força maior, poderia ser obrigatório o tempo total nas ocupações de utilidade pública.

Mas isto infelizmente é pura utopia e terão de continuar os génios a levarem os benefícios maiores e os burros a contentarem-se com o que puderem abocanhar.

A não ser que surja qualquer dia, por artes mágicas, o Império dos Burros (que não tenham pretensões a génios).

E parece-me que já não vem longe esse dia, pois já há alguns renozitos de burros, mas ainda com muitas pretensões a génios.

Sentir-me-ei lisonjeado se alguém julgar (cuidado!!! que pode morrer!! pois a julgar morreu um burro!) que não escrevi como um génio nem como um burro.

76

Pensamento

Todos os formados em Portugal distribuem-se em dois grandes grupos: uns são uns Pobres Génios; outros, uns Ricos Burros.

PENSAMENTOS

O Homem é tão inteligente ou tão burro que arranja complicações desnecessárias para não ver o que tem à frente dos olhos.

Regra geral um Homem não admite ideias novas a não ser que já façam parte do seu pensar.

O maior bem que podemos dar aos nossos filhos é a nossa própria evolução e desenvolvimento.

Às vezes sinto um desejo de destruir, de eliminar gente, gente abjecta, gente que não devia ser gente, gente que qualquer epíteto por mais infame não daria uma pálida ideia para a qualificar.

Mas então olho bem para mim e vejo que quem devia destruir em primeiro lugar seria a mim próprio. E sinto asco e tenho nojo de pertencer à Raça Humana.

77

Página em branco

78

O que a seguir transcrevo foi escrito num momento de desvario em que estive muito perto da Loucura, em 1971.

Hoje, talvez com mais lucidez, quase posso garantir que esse escrito não está muito longe da realidade.

No entanto ser-me-á muito difícil fazer com que me percebam completamente.

Seria necessário abrir-lhes o toutelo de alto a baixo e meter-lhes a minha cabeça lá dentro.

Antes de 25 de Abril de 1974 poderia, com propriedade, dizer que se Cristo voltasse à Terra nós todos voltaríamos a crucificá-lo.

Agora tenho algumas esperanças de que, se Ele de facto regressasse, talvez isso não acontecesse.

Todavia os Homens não fariam o que Ele disse: Larguem tudo e sigam-me.

Os Homens estão muito agarrados à vil matéria para seguirem ideias ou ideais.

E agarrados a tanta matéria viveram e provavelmente viverão séculos e séculos e séculos completamente errados, a preocuparem-se exactamente com aquilo a que não deveriam sequer ligar importância.

79

Página em branco

80

A VERDADE

Desde que nasci busco a Verdade.

Hoje sei a Verdade.

Jesus Cristo sabia a Verdade e muitas coisas mais.

Deu a Vida na ânsia de transmitir aos Homens

essa Verdade e não O souberam ouvir.
Eu farei como Ele, se for preciso.
Leiam estes meus apontamentos com atenção.
Talvez há mais de dez anos que trabalho neles.
São puramente científicos.
Quem os compreender estará preparado para
aprender a Verdade.
Ajudem-me a procurar a Pureza na Verdade.
Tenham cuidado com os vossos Cérebros.
Eu já endoideci uma vez e estive a dois passos
doutro.
Ajudem-me e ajudem-se uns aos outros.
É Maravilhoso!
Ainda que a Verdade fosse uma Mentira valia a
pena ter vivido para tê-la descoberto.
Sentimos uma alegria de viver e uma Paz interior
como se tivéssemos encontrado Deus no nosso
caminho (isto para aqueles que acreditam num
Deus).
Mesmo os que duvidarem da existência de Deus (o
que é um ponto de vista muito aceitável) sentirão essa
Paz.
A minha única excitação é não poder gritar bem

81

alto: Venham ouvir-me! Ajudem-me a fazer com que
todos nós compreendamos bem a Verdade.
Mas não posso sequer fazer isso, pois diriam todos
que enlouqueci.
Se isto é uma loucura, então deixem-me viver
louco e feliz, pois bem-aventurados serão estes loucos
que deles será o reino dos Céus.

82

AMIGOS DA VERDADE

VAMOS CRIAR UMA NOVA RELIGIÃO?

A PROCURA DE DEUS. EM BUSCA DA VERDADE

Definamos uma Nova Religião que tem como
Doutrina a procura de DEUS. Verifiquemos que só
assim O poderemos encontrar. Esta Nova Religião tem
como Base o seguinte Dogma: EXISTE OU NÃO
EXISTE DEUS?

Se EXISTE vamos então analisar qual será o
nosso melhor procedimento para O encontrarmos.
Para tal analisemos, com todo o devido Respeito, as
Religiões existentes e tiremos delas tudo o que de bom
possam ter. Separemos o trigo do joio. Não será
verdade que, se Ele existe, só com um bom
procedimento O poderemos encontrar? Portanto,
procedamos bem. Não teremos nada a perder e
ganharemos sempre, pelo menos, em atenção ao que
devemos a um Princípio Básico do Universo: O Amor
e Respeito pela Vida.

Se NÃO EXISTE não perdemos nada em pro-
ceder desta forma. E pelo menos respeitaremos esse
Princípio Básico do Universo, ainda que não seja só
senão pelo motivo de que toda a Vida existente no
Universo o respeita. Expliquemos tudo o que pudermos
explicar da forma mais lógica possível. O que não
pudermos explicar lógica e cientificamente púnhamo-
lo sempre em dúvida e façamos uma rede de hipóteses
à sua volta. Desta maneira ir-nos-emos aproximando

sempre cada vez mais da VERDADE.

Setembro de 1971

83

Página em branco

84

Pensamentos:

Gosto que conversem comigo mesmo ainda que seja só com o prazer de se rirem das minhas ideias.

É possível que arranje, se já não os tenho, muitos inimigos. Se algum deles me quiser muito mal, deverá dizer-mo com espírito lúcido. Eu tentarei compreendê-lo.

A Inteligência do Homem está a transformar o Mundo num Mundo de fingimento.

Na Simplicidade está a Verdade.

Setembro de 1971

85

Página em branco

86

Escrito depois de 25 de Abril de 1974

87

Página em branco

88

Se Deus existe, há Leis superiores ao próprio Deus.

Essas Leis terão de ser sempre cumpridas para que Deus não seja destruído.

São as Leis da Natureza (ou do Universo).

Uma delas, que eu ainda não conheço bem, é a Lei do Sangue. Muitas Religiões falam nesta Lei.

Outra Lei, que eu também não conheço, é a Lei da Vida.

Quais serão as condições em que moral e conscienciosamente podemos destruir um Ser? Quais as Vidas que (não falando já da Vida Humana, pois a preservação desta Vida está incondicionalmente fora de discussão) deverão, digamos assim, ser consideradas sagradas? Há Religiões que falam de Animais em que não devemos tocar. Será só para benefício do Homem ou haverá mais qualquer coisa além disso? (Por exemplo: Princípio de Ser Racional). Não estaremos nós sem o sabermos a ser canibais? Não estaremos a trucidar Animais que já são ou serão um dia iguais a nós?

Como eu gostaria que percebessem as minhas

ideias e não as minhas palavras. Mas se perceberem as minhas palavras já será um grande passo para perceberem as minhas ideias. Sinto-me verdadeiramente infeliz por ser o único entre os meus contemporâneos a saber uma das Verdades, Verdade esta que poderemos com propriedade apelidar de Verdade Cósmica.

Eu explico.

Há milhões ou mesmo milhões de milhões de seres extraterrestres que nos vigiam e esperam uni-

89

camente que a Humanidade se aperceba da sua Loucura para então, com o Espírito são e lúcido, poder compreender tudo o que têm para nos ensinar.

Aprenderemos mais num ano do que aprendemos durante os milhões de anos em que o Homem é Homem.

Quando a Humanidade estiver completamente identificada com as Ideias dos Grandes Pensadores da Humanidade, tais como, por exemplo, Jesus Cristo, Maomé, Confúcio, etc., e houver Paz na Terra, então esses Seres que são nossos irmãos descerão na Terra e ajudar-nos-ão incondicionalmente. En tão apreenderemos Maravilhas de que nem sequer suspeitávamos.

Tenho pena de não assistir a isto na minha curta estadia nesta vida terrena, mas o Homem ainda está muito atrasado para que isso fosse possível.

Talvez os meus filhos vejam esse verdadeiro milagre e possam assim compreender a Ideia Maravilhosa de Deus.

3 de Junho de 1974

90

Um amigo meu criticou-me a palavra dogma na minha expressão: «seguinte Dogma: Existe ou não existe Deus?».

Se não estiverem de acordo podem substituir essa palavra por «Princípio», mas o que **eu** queria dizer era exactamente Dogma.

Ora atendam à minha explicação.

O que verdadeiramente pretendo é criar uma nova Religião (perdoem-me a ousadia).

Será uma Religião diferente das que existem actualmente.

Queria que fosse a Religião das Religiões.

Será assente num Princípio ou Dogma (como queiram): a Dúvida da existência de Deus.

Desta maneira poderão pôr de parte formas erradas da percepção de Deus que muito contribuem para que não compreendam verdadeiramente a noção da palavra Deus.

Por assim dizer, ponham-se de fora e estudem certos Princípios sem ideias preconcebidas.

E terão muito que estudar *pois* todas as Religiões podem ter as suas Verdades desde que saibam aperceber-se delas, desde que não as papagueiem de cor. Mas também podem ter muitos defeitos, pois foram copiadas e recopiadas por Homens que, com certeza, introduziram ou interpretaram mal alguns pontos.

Uma coisa deveria ser feita e eu gostaria de fazer

se não estivesse fora das minhas possibilidades e até talvez fora das possibilidades duma pessoa só. É a Síntese das Religiões.

10 de Junho de 1971

91

Página em branco

92

Vamos agora debruçar-nos sobre *um* problema: A Vida.

Ninguém terá com certeza, dúvidas de que a Vida existe no Universo (ainda que não seja senão na Terra, o que é muito pouco provável).

Ora a Vida (tomemos para estudo a do Homem) é qualquer coisa que transcende a própria matéria, mas que está assente, com certeza, na matéria.

E duas hipóteses se podem pôr:

1) — A Vida aparece e desaparece, não ficando nada depois da Morte.

2) — A Vida aparece e desaparece, mas fica algo depois da Morte.

Vejamos a primeira hipótese (a mais pessimista).

A Vida aparece em determinado momento por certas circunstâncias que lhe deram origem e desaparece com a Morte após um período de tempo com alguma duração.

Os estados mais ou menos avançados da Vida são função da Espécie e têm o seu apogeu no Homem como Ser Racional.

A Vida tem como base o corpo. A inteligência, memória, raciocínio, enfim, tudo, tem como base esse corpo e desaparece com ele.

No entanto, dentro de cada Espécie, dá-se uma evolução com tendência a melhorar sempre às condições de Vida Racional e Irracional e, pelo menos, ficarão de indivíduo para indivíduo os genes hereditários com a informação dos estados anteriores e as melhorias progressivas.

93

Que deve fazer o Homem, neste caso, como Ser Racional?

Deve, com certeza, proteger com todos os meios ao seu alcance a sua Vida, a dos seus semelhantes (principalmente a dos seus semelhantes, pois desta forma estará a proteger a sua e dos seus filhos) e toda a Vida existente na Natureza, a fim de que perdue dele algo mais que as simples recordações transmitidas de gerações em gerações.

Vejamos a segunda hipótese (fantástica e maravilhosa).

Há duas Vidas em simbiose: a Vida Biológica e a Vida Racional.

De qualquer forma devem estar ambas assentes na matéria.

A Vida Biológica todos nós sabemos que está.

A Vida Racional deve ser talvez de natureza ondulatória ou de qualquer outra natureza, mas mais ou menos indestrutível.

Nesta Vida devem estar contidas todas as fun-

ções lógicas como, por exemplo, a memória, a inteligência, o raciocínio, etc.

Nesta hipótese outras hipóteses se podem dar.

Assim:

a) — Estas duas Vidas podem aparecer simultaneamente com o nascimento de cada indivíduo.

Quando o indivíduo morre a Vida Biológica desaparece, mas a Vida Racional liberta-se e fica no Espaço.

Se assim for, esta Vida fica, por assim dizer, cega, pois faltar-lhe-ão elementos de ligação com a outra matéria, com excepção das ondas racionais (chamemos-lhe assim).

b) — Estas duas Vidas são independentes. Neste caso a Vida Racional aproveita a Vida

94

Biológica como meio de percepção do Universo, formando uma simbiose.

Quando o indivíduo simbiota biológico morre o indivíduo simbiota racional transita provavelmente para outro indivíduo biológico que nasce, formando nova simbiose. Explica-se assim o conhecimento fantástico que um Ser tem de outro Ser completamente diferente na Espécie, conhecimento este tão perfeito que parece até ter esse Ser já vivido dentro do outro.

Também pode acontecer que o indivíduo simbiota racional fique no Espaço até conseguir captar, digamos assim, outro indivíduo simbiota biológico.

Se se der esta hipótese, nós já existimos talvez há milhões de anos, mas num estado irracional de que não nos apercebíamos. (Também actualmente pouco mais somos que Seres Irracionais, infelizmente para o Animal em que vivemos!).

Neste caso, que deveria fazer o Homem como Ser Racional?

Deveria preservar a sua Vida e a dos seus semelhantes mais que religiosamente e tentar proteger a Vida no Universo.

E que fazemos nós ?..

10 de Junho de 1974

95

Página em branco

96

Se a hipótese 2-b) fosse verdadeira e eu soubesse que teria de viver eternamente no meio de Seres tão doidos como estes no meio dos quais actualmente vivo (situação esta que tem de ser, felizmente, impossível) então mesmo que Deus existisse, mandaria Deus à fava, e tentaria por todos os meios destruir o meu Ser, ainda que esta destruição fosse impossível.

Felizmente já cheguei a meio da minha provável vida humana e ainda que chegue aos cem anos conto já estar suficientemente vacinado para aguentar este resto de vida humana.

Se a destruição dum Ser for possível, seria uma pena que estivesse ao alcance da inconsciência dum doido.

Cada um de nós é tão livre, tão livre que até tem o poder de se destruir a si próprio. Mas, ainda que não o deva fazer, essa destruição deve estar condicionada exclusivamente à sua vontade, ao seu querer.

O crime mais monstruoso que qualquer um de nós pode cometer é a destruição consciente de um semelhante.

E mais horrível ainda será esse crime se quem o cometer estiver completamente integrado nestas Ideias e compreender bem estes Ideais.

Um Ser Racional deve lutar para que as suas ideias sejam analisadas e integradas na Sociedade em que vive.

Mas, na hipótese de ter de destruir um Semelhante, mesmo condicionado por factores que façam perigar a sua integridade física, deve incondicional-

97

mente sacrificar-se e não perpetrar esse **crime** hediondo.

Assim não terá remorsos quando compreender bem os Segredos da Vida.

10 de Junho de 1974

98

Talvez não acreditem e achem exagero, mas digo que talvez seja eu um dos Portugueses que mais sofreu e ainda sofre, embora, talvez por milagre, nunca tenha estado preso, se bem que sempre falasse e me revoltasse contra a injustiça.

As torturas do corpo não são nada comparadas às morais.

E uma das maiores torturas para mim é não me quererem ouvir e dizerem que estou doido.

Se eu fosse sozinho e não tivesse problemas de família ou se a minha família fosse rica e não dependesse de mim, largaria tudo e lançar-me-ia neste Mundo a apregoar as minhas ideias ainda que isso pudesse prejudicar a minha integridade física.

Mas como tenho família exclusivamente dependente de mim, tenho de dominar a minha impaciência e não fazer nada que me possa trazer remorsos futuros quanto à minha maneira de proceder.

Já bastam os remorsos que tenho de alguns procedimentos na minha fase anterior de loucura e incompreensão da Vida e os que terei, se não proceder acertadamente na fase futura da minha vida, devido a condições ainda incontrolláveis do meu Ser Irracional.

Não imaginam sequer o meu martírio em ter de me prender com assuntos e problemas do meu dia a dia de trabalho e lazer que, com a minha actual forma de pensar, são de todo obsoletos para mim, ainda que, numa outra situação, sejam muito interessantes.

Resistirei eu?

Faço todos os impossíveis para resistir.

99

*É muito triste estar só no meio de tanta gente.
Jesus Cristo ainda possuía o dom de falar aos ventos e mar e eles entenderem-No.
Eu nem isso posso fazer porque não tenho esse*

dom.

Mas talvez, se for parar a algum manicómio, haja lá alguém que me entenda.

Talvez um dia me compreendam, se entretanto não estoirarem com tudo, pois não sei se uma explosão atómica destruirá ou não a Vida Racional maravilhosa que pode existir tal qual descrevi na hipótese 2-b).

Sem presunção, tenho três coisas a fazer.

1) — Convencer-me de que não estou doido.

2) — Convencer os outros de que não estou doido.

3) — Convencer os outros de que estão doidos. (Loucura colectiva).

Com isto tudo talvez não consiga fazer senão com que alguns doidos digam que sou um génio e alguns génios digam que sou um doido.

10 de Junho de 1974

100

A IDEIA DE DEUS

Só um louco poderia permitir-se o arrojo de querer explicar a Ideia de Deus científica e, digamos assim, irrefutavelmente.

Mas, como a um doido tudo ou quase tudo é permitido, vou tentar expor Ideia tão sublime e merecedora de melhor sorte de exposição.

Vou partir de hipóteses atrás mencionadas considerando-as, no todo ou em parte, como verdades

Uma delas é a minha preferida, a 2-b).

Outra é a de que no Espaço infinito, antes de mais nada, existia matéria.

Posto isto, vejamos.

- . Deus pode simultaneamente existir e não existir.

No Princípio só havia matéria no Espaço. Podemos partir também de que não havia Nada mas, deste modo, torna-se-nos tudo mais irreal.

Ora, em determinado momento, apareceu espontaneamente a Vida.

A Vida aparece duma forma maravilhosa e, unidas ou separadas, tem duas formas.

Uma é a forma palpável e real tal qual a conhecemos, outra, a forma impalpável e lógica que não conhecemos, mas da qual temos uma vaga percepção a que chamamos Espírito, Alma, etc.

De qualquer maneira estas duas formas têm

101

de estar assentes na matéria ou, pelo menos, ter a matéria como meio de realização.

Qual destas formas apareceu primeiro?

Podemos optar por uma ou por outra, mas temos de concordar que a forma lógica é indestrutível, mais ou menos mediante certas condições do meio que lhe

serve de apoio, e cresce continuamente. Se assim não fosse nunca passaria de uma forma primitiva.

É também natural que estas duas formas de Vida vivam em perfeita simbiose, auxiliando-se mutuamente e formando um Ser.

A Vida Real tem um período mais ou menos curto de existência. ... Nasce, cresce e morre.

Para não desaparecer tem de transmitir a sua vida a outro Ser com uma informação mais ou menos completa para evolução da Espécie e provável mutação num Ser ideal e perfeito.

A Vida Lógica aproveita a maior ou menor aptidão da Vida Real para crescer continuamente, ajudar esta a transmitir informações entre Seres para uma cada vez maior expansão e perfeição da Vida Real de que necessita para poder ter lucidez.

A Vida Real dum Ser está, digamos assim, como que exclusivamente assente na matéria em actividade.

Consoante a actividade dum Ser, esta Vida Real cansa-se mais ou menos facilmente. Então a Vida Lógica pára ou reduz a sua actividade para o Ser poder descansar e consertar a sua Vida Real.

Quando a Vida Real não tem conserto possível, desaparece e deixa a Vida Lógica em liberdade, num estado consciente, inconsciente ou semiconsciente (não sei), até encontrar outra Vida Real para formarem um novo Ser.

102

Portanto a Vida Lógica vai sempre elucidando a Vida Real com todos os conhecimentos e experiências adquiridos, para uma melhor protecção e defesa do Ser e da sua Espécie.

Ora continuemos.

No Princípio apareceu a Vida.

É provável ou até mesmo necessário que esta Vida tenha aparecido simultaneamente em vários Seres, pois um Ser único no Universo não tinha quaisquer possibilidades de subsistir.

Para simplificarmos, suponhamos que na Origem foi um só Ser (volto a frisar que é praticamente impossível) ou, o que é mais real, que houve um primitivo Ser, portanto o Primeiro Ser, que tomou consciência de Ser Racional.

Ora este Primeiro Ser Racional!, logo que tomou consciência da sua Racionalidade, talvez só após milhões ou biliões já de anos de vida, que fez?

Primeiro certificou-se de que existia e existiria sempre como Ser Racional independentemente das formas que pudesse ter na sua passagem por várias Vidas Reais, pois também teve medo da Morte.

Depois, aperfeiçoando-se e adquirindo cada vez mais conhecimentos, analisou se haveria outros Seres iguais a Ele ou com possibilidades de o virem a ser, pois teria chegado à conclusão de que seria muito triste estar sozinho como único Ser Racional no Universo.

Em seguida fez tudo para proteger e fomentar a existência da Vida e de todos os Seres no Universo, pois só assim poderia Viver eternamente.

Tentou a comunicação com todos os Seres para lhes ensinar estas Maravilhas. Fez-se Verbo.

Quando os Seres começam a tornar-se Semi-Racionais faz com que apressem a sua Racionalidade

para lhes evitar os sofrimentos por que Ele passou quando era o Único Ser Racional, nem que para isso tenha de fazer passar tormentos aos Seus Filhos mais queridos ou a Ele Próprio, pois são outros Filhos dos Filhos Dele que estão a precisar de ajuda. E assim surge a Ideia de Deus.

Se considerarmos Deus como este Primeiro Ser Racional ou, melhor, como a Ideia Universal deste Ser (e de todos os Seres Racionais) para atingir o Fim de perpetuar a Sua Eternidade, então Deus existe.

Portanto Deus será o Consenso (ou antes Bom Senso) Universal de todos os Seres (principalmente os Seres Racionais) empenhados em perpetuarem a sua existência espiritual eterna e infinita.

Se considerarmos Deus como um Ser Único maior que todos os outros, então **Deus** não existe, pois todos nós somos Seres iguais a Ele e feitos à Sua Imagem e Semelhança e qualquer um de nós poderia ser Ele, se Ele não existisse.

Então seremos todos nós, em potência, Deuses iguais a Ele.

Evidentemente não nos podemos esquecer que Ele é o nosso Pai, pelo menos na protecção que nos dá.

Também não nos podemos esquecer que, quando nós soubermos o que Ele sabe agora, já terão passado tantos biliões de séculos, durante es quais Ele aperfeiçoou e melhorou os Seus Conhecimentos, redundando ser sempre Ele o mais perfeito de todos nós.

Ele, ainda que algum de nós tenha o pesar egoísta, ridículo e idiota de não ser o Primeiro, será sempre o Princípio e o Primeiro dos Primeiros.

É claro que com a ajuda Dele poderemos apren-

der muito mais rapidamente do que se aprendêssemos sozinhos.

Por exemplo, no que diz respeito à minha actual Vida Racional, já quase tenho a certeza de muitas coisas que, ainda não sabendo como, me vão acontecer.

Não tenho suficiente Fé e sou pior do que São Tomé pois, mesmo vendo, não acredito. Os meus sentidos podem enganar-me e não me mostrarem mais do que uma miragem.

No entanto possuo um Espírito Lógico que chega a certas conclusões e estas só precisarão da experimentação para passarem a certezas.

Se acontecerem as situações previstas, as conclusões estão certas.

Espero a Morte com impaciência e ansiedade porque, para mim, a Morte será o esclarecimento de muitas dúvidas que ainda tenho.

No entanto preservo a Vida e desejo viver o maior tempo possível para aventar hipóteses e tirar conclusões antes de me acontecerem as situações que me trarão outras dúvidas a esclarecer.

Nós viveremos sempre no meio de dúvidas, mas é assim que a Vida se torna maravilhosa, pois haverá

sempre a ânsia de descobrir e tentar sempre alcançar certezas. E depois, por qualquer motivo, voltaremos a duvidar destas certezas numa ânsia em atingirmos a Perfeição.

Mesmo aqueles que ouviram do Próprio Deus, as Verdades, duvidaram, com toda a certeza, lá bem no fundo do seu íntimo, dessas Verdades, pois se assim não acontecesse não seriam Seres Racionais.

Uma coisa é sabermos que isto e aquilo é assim.

Outra coisa é percebermos porque é que isto e aquilo é assim.

105

Ao saber tem de se juntar sempre uma boa análise, percepção e compreensão.

27 de Junho de 1974

106

A Vida está em toda a parte.

Deus é a Vida.

Deus está em toda a parte.

Eu sou Vida.

Eu sou Deus.

Nós somos feitos à imagem e semelhança de Deus.

Somos Filhos de Deus.

E filho de Peixe sabe nadar.

29 de Junho de 1974

107

Página em branco

108

VIDA NO UNIVERSO

A vida é uma maravilha feita de movimento, um movimento perpétuo.

O Universo é um todo vivo.

Tudo o que existe no Universo tem uma vida própria, uma vida inerente a cada coisa de per si, vida esta que se junta a outras vidas para formarem uma outra vida talvez com características diferentes, mas, no fundo, com as mesmas bases.

Assim, a própria matéria tem uma vida que, se atendermos aos vários elementos da matéria, podemos dizer que nasce, vive e morre. Desta maneira uma molécula de água, por exemplo, tem a sua vida. Nasce, vive e morre. E constantemente nascem moléculas de água, vivem e morrem, e das suas cinzas voltam a nascer, a viver e a morrer, num movimento perpétuo.

O mesmo poderemos dizer dum átomo de hidro-

gênio e assim por diante, de tudo.

Estes estados de vida irracional agrupam-se para formarem novos estados de vida cada vez mais complexos até formarem seres com necessidade de qualquer coisa que ultrapassa o irracional.

Surge então uma outra forma de vida, a alma vivente.

Então dá-se uma simbiose.

Seres que nascem, vivem e morrem apoiados na matéria (que sempre teve vida num movimento perpétuo) e numa outra coisa que, com base ou não na matéria, transcende esta própria matéria, nasce,

109

vive, possivelmente cresce continuamente e nunca mais morre e que é a alma vivente ou espírito indestrutível.

Esta alma vivente passa, a partir do seu nascimento, por estados cada vez mais complexos até atingir uma consciência própria, um conhecimento do seu ego cada vez mais perfeito numa evolução constante para a Perfeição.

Passa por um estado de vida semi-razional (que é o nosso estado de vida actual) em que sofre por não se aperceber do grandioso e fantástico da sua Razão, com medo de perder esta maravilha, que nem sequer concebe que é eterna, e com medo da Morte por estar convencido que a sua vida é só a vida da matéria que o rodeia, através da qual toma conhecimento com o Universo de que faz parte, e que tudo acaba com o fim desta.

Este estado de vida, como todos os estados de vida, sofre uma evolução até atingir uma fase em que se apercebe de que a vida já não é irracional e unicamente assente na matéria, mas sim espiritual tendente assim para uma Vida Racional e eterna.

Este estado de vida evolui também, passando a sofrer cada vez menos com a percepção cada vez mais nítida de que o que mais lhe interessa é o Espírito e não a matéria, pois é aí que ficam registadas todas as impressões de dor e prazer vividas, tendendo para a Perfeição Suprema.

Este Espírito cresce e evolui para Deus.

Estes estados de vida são múltiplos em quantidade e qualidade numa experiência constante ao acaso para um conhecimento completo e perfeito do Bom e do Mau.

Sofrem constantes mutações consoante as necessidades que surgem.

110

Portanto o Universo é cheio de vida numa mutação constante e infinita.

Assim, os astros também têm uma vida que nasce, vive e morre e das suas cinzas nascerão outros astros que viverão e morrerão.

Reúnem-se em galáxias que nascem, vivem e morrem.

Querem os Homens explicar as origens dos astros e das galáxias aventando várias hipóteses numa tentativa vã de quererem explicar tudo por uma hipótese única, esquecendo-se de que para essas origens também há milhares ou talvez milhões de formas

diferentes de vida tal qual como há para a multiplicidade dos seres biológicos que existem na Terra.

Querem também explicar a origem do Universo como se o Universo fosse uma Galáxia.

Como se o Universo tivesse tido alguma origem. O Universo nunca teve Princípio nem nunca terá Fim.

É uma noção quase impossível de compreender. Tão difícil de compreender como o Espaço infinito.

29 de Setembro de 1974

111

Página em branco

112

*UMA HIPÓTESE POSSÍVEL
NA VIDA DAS GALÁXIAS*

Primeiro era uma mancha enorme feita de gases com uma temperatura muito vizinha do zero absoluto.

Uma mancha enorme com dimensões de muitos milhares ou centenas de milhar ou mesmo milhões de anos-luz.

Chamemos-lhe Nebulosa.

Os gases eram gases simples formados pela associação de elementos simples e muito elementares como, por exemplo, o hidrogénio ou mesmo ainda mais simples como, por exemplo, os protões, neutrões, etc.

Em determinado momento surge a faísca que faz explodir esta Nebulosa numa eclosão fantástica dando origem a muitos biliões de Estrelas.

Estrelas e só estrelas, pois nunca poderia originar planetas visto que estes seriam derretidos no braseiro fantástico dessa explosão.

Evidentemente seriam estrelas de vários tamanhos e potências, portanto umas grandes e outras pequenas numa amálgama fantástica e maravilhosa.

Essas Estrelas todas seriam projectadas, do ponto origem da explosão ou do ponto mais potente da explosão, em todas as direcções, (o que nos dá a sensação da expansão do Universo que verdadeiramente não é mais que a expansão da explosão da Nebulosa).

Devem logicamente possuir um movimento no Espaço mais ou menos em linha recta por terem sido projectadas em todas as direcções.

113

As Estrelas a pouco e pouco vão perdendo a sua potência, vão enfraquecendo.

Ora numa determinada altura deve começar a faltar-lhes fogo, ou antes reacções nucleares, num ponto, dando-se portanto um desequilíbrio no seu movimento de trajectória.

Com a continuação do enfraquecimento das reacções nucleares esse ponto vai aumentando e haverá um momento em que numa metade duma dada Estrela haja reacções nucleares e na outra metade não haja reacções nenhuma, isto é, esteja apagada.

Que fica então?

Fica com certeza um foguetão galáctico a viajar no Espaço.

Portanto a Estrela transforma-se num Cometa.

A sua trajectória rectilínea passa progressivamente a parabólica.

Com a continuação do enfraquecimento das reacções nucleares chegará uma altura em que não haverá nenhuma reacção nuclear na sua superfície, pelo menos.

O Cometa passa, portanto, a Planeta, a Planeta Primário.

A sua trajectória passa progressivamente de parabólica a elíptica.

O progressivo arrefecimento da superfície dum Planeta Primário dá origem a condições propícias ao aparecimento da Vida Biológica.

Esta Vida aparece em formas rudimentares que vão evoluindo numa mutação constante acompanhando o arrefecimento do Planeta Primário até um auge, dando-se depois uma regressão ou extinção da Vida por arrefecimento total.

O Planeta Primário passa então a Planeta secundário ou Satélite, que já não comporta quaisquer formas de Vida.

114

A sua trajectória elíptica passa progressivamente a circular.

Estas transformações dão-se ordenada, progressiva e lentamente, num fluxo que começa na Estrela mais fraca da Galáxia e acaba na Estrela mais potente, até à extinção completa de todas as Estrelas da Galáxia.

Não estão isentas, como é óbvio, de outros acontecimentos no conjunto, verdadeiros cataclismos, como, por exemplo, explosão de qualquer astro e até possíveis choques entre eles, ocasionados por circunstâncias anómalas estranhas à Lei da Gravitação Universal.

Quando já não houver nenhuma Estrela ou Cometa, ou antes, quando todas as Estrelas estiverem reduzidas a Planetas Secundários, ficamos com um conjunto de Planetas Secundários mais ou menos dispersos. Então dá-se uma atracção de todos os Planetas Secundários para um centro devido à Lei da Atracção Universal. Dá-se uma contracção da matéria.

Lenta e progressivamente gelarão até atingirem o zero absoluto, pois estão a uma distância fantástica, a milhares ou mesmo milhões de anos-luz, da Galáxia mais próxima.

Quando o atingirem e até possivelmente ultrapassarem que acontecerá?

(Está provado que é impossível esta ultrapassagem, mas eu nunca me fiei em provas baseadas numa Física e Química cujos Princípios podem estar errados, tanto mais que há coisas compreensíveis mas que tocam as raias do inconcebível, e se quiserem tentem explicar porque é que o Infinito é infinito).

Então aparece uma pressão nula ou negativa e os núcleos dos átomos e os átomos em si separar-

115

-se-ão nos seus elementos: os protões, neutrões, etc., ou ainda menos que isto.

E aparece assim uma nova Nebulosa. Evidentemente as Nebulosas não estão completamente isoladas umas das outras e podem dar-se trocas de matéria entre elas ou até mesmo uniões e disjunções dumas com as outras.

E pelo menos entre elas haverá o Espírito da Vida.

A minha concepção no que diz respeito a Galáxias e Nebulosas está fora do actual significado destes vocábulos, mas foram os nomes que arranjei melhores para as minhas explicações.

Eu chamo Nebulosa ao que os outros apelidam de Buracos Negros no Espaço onde se dá o que chamam aniquilação da matéria e que de facto não é mais que a transformação duma forma coerente e agregada da matéria numa outra forma que ainda que coerente é completamente desagregada.

É próprio do Homem a tentativa ao acaso em experiências e constantes lucubrações na ânsia de descobrir a Verdade.

Todas estas tentativas induzem a Humanidade em erros fantásticos com a consequente origem e desenvolvimento do Mal até à sua percepção da Verdade, da Verdade completa e perfeita.

Nesta explicação das Galáxias não nos devemos esquecer de que as Estrelas são projectadas a uma velocidade fantástica e que essa velocidade, devido a todo um conjunto de factores, vai sendo reduzida progressivamente até à formação da nova Nebulosa, onde o movimento será muito reduzido,

E também a primitiva trajectória das Estrelas mais ou menos em linha recta vai sendo modificada progressivamente como já expliquei.

21 de Setembro de 1974

116

Conclusão:

Púnhamos ordem no caos. Vida duma Galáxia:

- 1.º — *Nebulosas*
- 2.º — *Estrelas*
- 3.º — *Cometas*
- 4.º — *Planetas Primários*
- 5.º — *Planetas Secundários*
- 6.º — *Outras Coisas*
- 7.º — *Nebulosas*

21 de Setembro de 1974

117

Página em branco

118

Meu Deus, se existes, escuta-me.
Hei-de-me destruir só porque pretendo ser maior
que Tu.

(Coisa bem ridícula da minha parte porque nunca
poderei ser maior que Tu e Tu também, em certa
altura, não poderás ser maior que eu pois somos pura e
simplesmente iguais).

No entanto, Tu não permitirás esta destruição
porque seria uma pena.

Em mim estão reunidas as sínteses do Bem e do
Mal.

Setembro de 1974

119

Página em branco

120

A MINHA ÚLTIMA VONTADE

*Quando eu morrer permito que façam os estudos
que quiserem no meu corpo, mas deverão, após esses
estudos, juntar os meus restos mortais e enterrá-los
numa campa simples.*

*Nessa campa deverão colocar uma lápide com as
seguintes palavras:*

*«Meu Deus, se existes, perdoa aos Homens porque
não sabem o que fazem.*

Eu já lhes perdoei porque os compreendo.

E não deves permitir que eu seja melhor que Tu».

Possam eles um dia ser dignos de nós.

Setembro de 1974

121

Página em branco

122

A Cruz é o símbolo de Cristo.

Uma coroa de flores é o meu símbolo.

Com o novo símbolo formado, ou seja, a Cruz
Coroadada, nós todos salvaremos o Mundo.

Cristo é Grande, mas em verdade vos digo que
um dia nós seremos iguais a Ele e saberemos tanto
como Ele sabe agora.

Faço um apelo aos Homens em erro e dou-lhes a
Esperança de que até os Homens da Pide se salvarão
quando se arrependerem.

Faço, portanto, um apelo para que não pratiquem
mais Mal.

Um dia os Maus compreenderão porque é que
tinham de ser Maus.

22 de Setembro de 1974

123

Página em branco

124

A Cruz é o símbolo de Cristo. A Coroa de Flores é o meu símbolo. Cristo é o símbolo do sofrimento máximo. Eu sou o símbolo da máxima alegria. Eu sou Anti-Cristo, a antítese de Cristo.

23 de Setembro de 1974

125

Página em branco

126

A Vida na Terra processa-se da seguinte maneira:

- 1.» _ Q Caos
- 2.º — O Inferno
- 3.v — O Purgatório
- 4.º — O Paraíso
- 5.º — O Purgatório
- 6.º — O Inferno
- 7.º — O Caos

E todos podem viver no Céu desde que saibam.

23 de Setembro de 1974

127

Página em branco

128

DEUS E O DIABO

Deus e o Diabo estão reunidos num Ser único. Deus tinha de andar a fazer partidinhas no Mundo para ser Eterno.

Porque é que Deus tinha de ser o Diabo?

Ora vejamos:

No Princípio apareceu um Ser que tomou noção de Ser Racional.

Este Ser teve medo da Morte. Quando morreu constatou que ia aparecer noutro lado. E voltou a ter medo da Morte. E assim sucessivamente.

Então começou a fazer experiências com os

Seres que eram iguais a Ele para perpetuar a sua Eternidade.

Começou a tentar descobrir se haveria alguma coisa que o pudesse destruir a fim de que todos os Seres iguais a Ele fugissem do Perigo.

Isto através de sacrifícios fantásticos para Bem de todos nós que somos igualzinhos a Ele.

27 de Setembro de 1974

129

Página em branco

130

A ROSEIRA

Há um arbusto que simboliza perfeitamente a concepção de Deus e o Diabo.

É a Roseira.

As Rosas simbolizam Deus.

Os Espinhos simbolizam o Diabo.

Tudo, Rosas e Espinhos, num único Ser.

Mas os Espinhos não são Espinhos. São Acúleos muito fáceis de tirar.

Desta forma é muito fácil separar o Bem do Mal.

23 de Outubro de 1974

131

Página em branco

132

*Humanidade! Humanidade! Para onde vais?!
Aonde queres tu ir?!*

Eu ofereço-te um Mundo cheio de Lógica que, ainda que estivesse errado, poderia dar-te a Felicidade.

E tu só queres seguir Princípios muitas vezes sem qualquer espécie de Lógica e que derivam unicamente de tradições e que, mesmo que estejam certos, só te trazem a Infelicidade,

Tens medo de que as poucas Leis que te ficaram depois de Aristóteles também estejam erradas.

23 de Outubro de 1974

133

Página em branco

134

Se depois de ler este livro, alguém não compreender os crimes que tem andado a perpetrar, não me venham dizer que o Homem é um Ser Racional.

135

Leitor amigo,
quando me compreenderes,
fala comigo.

136